

Impossível Te Esquecer

Penny Jordan

Capítulo 1

Annie parou na metade da escada do belo balé. Um sorriso encantador distendia seus lábios e um brilho sonhador e distante alterava a clareza habitual dos inteligentes olhos cinzentos. Tivera aquele sonho novamente na noite anterior, o sonho em que o via. Ele. E dessa vez, tudo havia sido ainda mais delicioso e real que antes. Tão real que...

Vermelha, sentiu novamente o prazer aquecendo o corpo. Na noite anterior, quando ele a abraçara e acariciara... Um violento arrepio a sacudiu e ela subiu os últimos degraus correndo.

Dispunha de uma hora para preparar-se antes de ir buscar Helena e o marido. Os três sairiam para uma refeição especial de comemoração, e era nisso que devia pensar, não em um homem maravilhoso criado por sua imaginação, por seus sonhos... por sua carência.

Para uma mulher de vinte e três anos sem nenhum amante, a intensidade e a nitidez dos sonhos eróticos envolvendo o homem que passara a chamar de amante perfeito e alma gêmea eram surpreendentes. Seria um sinal da falta de companhia masculina, ou uma indicação do poder de sua imaginação? Não conhecia a resposta. Tudo que sabia era que desde o primeiro sonho, nenhum outro homem conseguira tocar suas emoções. Estava ansiosa pela noite com os amigos. Afinal, Annie não era apenas sua amiga mais próxima e uma espécie de mãe substituta; também era a médica que salvara sua vida quando outros menos determinados e atentos afirmavam que...

Tensa, ela engoliu em seco. Mesmo cinco anos depois do acidente, a lembrança de como estivera próxima da morte ainda tinha o poder de aterrorizá-la: Sabia que o raciocínio não era lógico, mas o fato de não ter nenhuma lembrança dos eventos que antecederam e causaram o acidente e das semanas que passara em coma tornava o medo ainda mais intenso, como se ressaltasse a fragilidade da vida.

Ao empurrar a porta do quarto, Annie sentiu a fraqueza do braço e usou o peso do corpo para concluir o movimento. Aquele era o único legado físico do dramático acidente. O braço havia sido esmagado, e por causa da extensão e da gravidade das lesões, o médico que a recebera no pronto-socorro estivera a ponto de amputá-lo quando, notando a presença de Helena, pedira sua opinião. Chefe do departamento de microcirurgia, ela assumira o comando e decidira que era possível salvar o membro atingido tão duramente.

O rosto de Helena havia sido o primeiro que vira ao recobrar a consciência, mas só depois de muitas semanas descobrira através de uma enfermeira sobre a sorte que tivera por ser atendida por ela.

Havia sido Helena quem ficara a seu lado por horas e horas, falando e incentivando sua consciência durante o período do coma, tentando despertá-la com seu amor e sua força de vontade. Annie sabia que nunca deixaria de amá-la e reverenciá-la por tudo que fizera.

- Você não foi a única a ganhar com aquela experiência - Helena costumava brincar. - Não tem idéia de como o mercado passou a valorizar-me -depois daquela



cirurgia. Para mim, seu braço vale mais do que o próprio peso em ouro. E você, minha querida, é mais *especial do que posso expressar. A filha que nunca imaginei que teria... Ambas haviam chorado na primeira vez em que Helena fizera a declaração comovente. Qualificada e respeitada em seu meio profissional, a médica perdera o útero e as chances de ser mãe ainda muito jovem, e Annie fora abandonada ainda bebê e criada em um lar para crianças órfãs. Apesar de ter sido sempre bem tratada, jamais tivera o amor especial com que sonhara desde os primeiros anos de vida.

Há dois anos, quando Helena finalmente aceitara o pedido de casamento do sócio Bob Lever, Annie havia sentido uma imensa felicidade pelo casal. Até então, ela sempre recusara as insistentes propostas de Bob, dizendo que um dia ele poderia conhecer alguém especial que fosse capaz de ter filhos, e que teria de estar livre para quando esse dia chegasse. Só os esforços combinados de Annie e Bob a fizeram mudar de idéia.

No final, lançando mão de um argumento quase desesperado, Annie lembrara que, depois de tê-la praticamente adotado como filha, Helena não tinha mais razões para recusar o pedido de Bob.

- Muito bem, eu desisto - ela respondera rindo. - Mas como sua mãe adotiva, exijo que retribua encontrando um parceiro especial e me dando muitos netos.

Depois disso, graças à atmosfera relaxante e ao excelente jantar de Natal que haviam preparado juntas, Annie encontrara a coragem necessária para contar à amiga sobre os extraordinários sonhos que passara a ter.

- Lembra-se de quando o sonho ocorreu pela primeira vez? - Helena indagara com tom profissional.

-Não tenho certeza... Creio que já os tinha por algum tempo antes de me dar conta deles. E quando percebi o sonho, tudo era muito familiar, como se aquele homem fizesse parte de minha vida. Como se eu o conhecesse.

Havia sido difícil explicar a natureza intensa e inquietante do sonho, a sensação de familiaridade despertada pelas cenas persistentes.

Diante do espelho, enquanto se preparava para vestir o traje que ela e Helena haviam comprado há um mês especialmente para aquela ocasião, Annie sorriu. Tivera sorte por não ter sofrido nenhum ferimento no rosto. Os traços delicados ainda compunham o mesmo conjunto que via nas poucas fotos que possuía da infância. Os cabelos ainda eram louros, como antes, uma herança dos pais que não conhecera. A maturidade e a autoconfiança a libertaram da agonia de não saber quem ou o que haviam sido seus pais. Era suficiente que houvessem dado a ela o mais precioso de todos os bens: a vida.

Tudo que sabia sobre o acidente era o que ouvira dizer, o que fora relatado no tribunal, durante o julgamento que resultara na condenação do motorista que a atropelara. Preso por direção perigosa, ele tivera de pagar uma indenização significativa por perdas e danos. Mas o maior lucro do ponto de vista de Annie não havia sido a enorme soma em dinheiro que garantira sua sobrevivência, e sim a entrada de Helena e Bob em sua vida.

Como haviam argumentado os advogados do motorista, o acidente não a impedira de concluir o curso universitário que começaria logo após o atropelamento, nem a retirava em caráter definitivo do mercado de trabalho. Atualmente trabalhava meio período, o que comprovava a teoria dos advogados, mas as evidências eram esmagadoras. Cinco testemunhas haviam visto o automóvel avançar no sinal vermelho e atingi-la bem no meio da faixa de segurança para pedestres. O motorista estava embriagado, uma circunstância que, segundo seus advogados, fora provocada por problemas pessoais que ele já havia solucionado.

Annie suspirou. A esposa do acusado também comparecera para depor. Chorando, ela afirmara que, sem o salário do marido e sua força de trabalho, a vida da família se tornaria

muito difícil. Como uma mulher sozinha poderia sustentar três filhos pequenos? Annie lamentara por eles, e ainda era tomada de assalto pela compaixão sempre que pensava naquela família, mas, como Helena apontara, a culpa pela situação em que estavam não era dela.

De qualquer maneira, ficara feliz por saber que o motorista não morava na cidade. Assim, não corria o risco de encontrá-lo, ou sua família, numa rua qualquer.

Era estranho pensar que não passara toda a vida naquela pequena e pacata cidade histórica com seu castelo medieval, uma universidade e um rio que, há muitos anos, havia sido a fonte de toda a riqueza e da posição destacada do lugar. Os barcos que ainda utilizavam a marina local eram apenas veículos de passeio e lazer; os navios mercantes que um dia haviam aportado ali faziam parte do passado.

Não conseguia lembrar por que havia se candidatado a uma vaga na universidade de Wryminster, nem quando chegara na cidade. Era evidente que não tivera tempo para fazer amigos nem confiar a eles seus sonhos e ambições. O acidente ocorrera uma semana antes do início das aulas, e o único endereço que as autoridades encontraram foi o do lar para crianças órfãs onde ela crescera.

De acordo com o que Helena pudera descobrir, Annie havia sido uma criança muito inteligente, embora solitária. E havia sido Helena quem a levara para casa quando o hospital finalmente a liberara. Helena cuidara dela com a dedicação e o carinho de uma mãe. Com o amor de uma mãe. E também a encorajara em sua necessidade de tornar-se independente, contribuindo inclusive na busca por uma casa adequada e próxima da dela.

Enquanto retirava do armário o traje novo, Annie suspirou. Percorrera um longo caminho até esse dia. Muito longo... Confeccionado em crepe de lã azul, o conjunto era composto por calça comprida, um corpete bordado com linha cintilante e um sobretudo que quase tocava seus tornozelos. Relutara antes de comprar uma roupa tão elegante e cara, argumentando que não saía de casa o bastante para possuir peças como aquela, mas Helena a convencera a adquirir a bela vestimenta. Na opinião da médica e amiga, já era hora de Annie sair mais e conhecer pessoas diferentes e interessantes.

- Sayad faria qualquer coisa para convencê-la a aceitar um de seus convites - ela lembrara.

Sayad era um anestesista que ingressara recentemente na equipe chefiada por Helena. Atraente e simpático, ele se interessara por Annie desde que a vira pela primeira vez. Era interessante, educado, gentil, mas...

Mas não era o homem que via em seus sonhos. Oh, não! E nem chegava aos pés dele. Apesar dos traços harmoniosos, do sorriso agradável e das maneiras envolventes, Sayad não tinha a maturidade misteriosa do homem que perturbava seu sono todas as noites. Havia um ar de autoridade em seus gestos, uma masculinidade poderosa e dominadora que jamais encontrara em nenhum outro homem.

Apesar do preço do conjunto, decidira comprá-lo porque naquela noite participaria de uma comemoração especial; o aniversário de Bob e o aniversário de casamento dele e de Helena.

Seguindo o conselho da médica, que havia se preocupado com o desgaste provocado pela longa batalha judicial travada nos tribunais antes da sentença que decretara o pagamento da indenização, Annie havia tirado licença do trabalho para recuperar-se. No início da semana despedira-se dos colegas na companhia petroquímica multinacional Petrofiche, cujos escritórios centrais funcionavam numa antiga propriedade rural na periferia da cidade.

Para o jantar daquela noite, reservara uma mesa no mais prestigiado restaurante da região ribeirinha, disposta a organizar e arcar com os custos da comemoração. Por isso ia buscar Helena e Bob em seu novo e reluzente Mercedes.

O carro havia sido um grande passo em sua vida. Não pudera dirigir imediatamente após o acidente, e durante muito tempo tivera medo até mesmo de chegar perto de um automóvel. Sentar-se ao volante havia sido uma idéia que a aterrorizara. Eventualmente se havia forçado a superar os medos e fora aprovada no exame. A fraqueza muscular no braço a convencera a optar por um modelo ' de transmissão automática, e finalmente Annie comprara seu primeiro carro.

Pronta, parou diante do espelho e sorriu satisfeita. Depois da conclusão do processo e da luta no tribunal, finalmente começava a recuperar o peso perdido, e a roupa caía ainda melhor do que no dia em que a comprara. Sim, tinha motivos para estar contente. A casa onde vivia, por exemplo. Participara de todo o trabalho de reforma, opinando e supervisionando cada mudança, escolhendo pessoalmente toda a mobília. A enorme cama de casal atraíu seu olhar. Ainda não entendia por que havia comprado aquela cama, por que nem se dera ao trabalho de examinar todas as outras opções oferecidas pela loja.

Tudo que sabia era que, ao vê-la, tivera certeza de que aquela era a escolha ideal.

Em seus sonhos, ela e o amante estavam sempre naquela cama, embora nos sonhos... Perturbada, lembrou que chegaria atrasada para apanhar os amigos se não se apressasse.

Agitada e corada, Annie desceu a escada e saiu.

= Deus, como este lugar está movimentado! - Helena comentou.

Annie parava o carro na última vaga disponível no estacionamento do restaurante.

- Quando telefonei para reservar a mesa, o gerente comentou que esperava ter uma noite de muito movimento. A Petrofiche está oferecendo um jantar para um novo consultor de biologia marítima.

- Oh, sim, é verdade! Ouvi dizer que eles encontraram um substituto para o professor Salter. Foram buscá-lo em um dos Estados do Golfo, atraídos por suas impressionantes qualificações e pela experiência diversificada. E o homem ainda é jovem, segundo os comentários que ouvi. Deve ter pouco mais de trinta anos. E parece que já trabalhou para a Petrofiche no passado.

- É estranho pensar em um biólogo trabalhando para uma indústria petroquímica - Bob apontou.

- Querido, francamente - Helena exclamou sorrindo. - Acha que os especialistas em biologia marítima só fazem filmes sobre tubarões e corais?

- É claro que não.

- Hoje em dia todas as grandes empresas, especialmente as multinacionais, se esforçam para construir e manter uma imagem de responsabilidade ambiental - Annie explicou. - Vazamentos de óleo sempre têm efeitos devastadores sobre os mares e oceanos e sobre suas formas de vida, e é isso que leva companhias como a Petrofiche a empregarem especialistas em biologia marítima.

Estavam fora do carro e a caminho do restaurante. Os donos, marido e mulher ainda jovens e bastante conhecidos pelos freqüentadores, costumavam receber os clientes mais próximos pessoalmente. Liz Rainford sorriu ao vê-los.

- Reservei sua mesa favorita - ela sussurrou enquanto chamava um garçom para acompanhá-los. Liz fazia parte de um comitê de caridade com o qual Annie colaborava eventualmente angariando fundos, e a comerciante conhecia a história em torno do acidente e sabia de seu relacionamento com Helena e Bob. - Sei que esta é uma noite especial para todos vocês.

A mesa em questão ficava em um canto afastado do salão principal, ao lado de uma janela de onde era possível ver o jardim e o rio. Sentada, Annie suspirou invadida por uma súbita alegria.

Às vezes sentia que havia renascido naquela manhã há cinco anos, quando abrisse os olhos e vira Helena parada ao lado do leito hospitalar, olhando para ela. Embora já pudesse lembrar boa parte da infância e da adolescência, as recordações ainda eram confusas como imagens em um filme sem foco, e em alguns momentos era difícil acreditar que aquelas lembranças, aqueles períodos, faziam parte de sua vida. Para confortá-la nos momentos de maior preocupação, Helena sempre dizia que aquele era o efeito do trauma sofrido pela mente e pelo corpo, um mecanismo de defesa de que a mente lançava mão para protegê-la.

O restaurante estava cheio. Havia um salão secundário cujas portas permaneciam fechadas para garantir a privacidade do grupo da Petrofiche. As garotas do escritório haviam passado dias comentando a chegada do novo consultor, e Annie ouvira algumas opiniões antes de sair de licença na semana anterior.

-- Ele é dono de uma empresa. A Petrofiche é apenas uma cliente - revelara com ar importante a chefe das secretárias, Beverly Smith. - O homem só virá duas vezes por semana, quando não estiver em campo.

- Humm... Talvez ele esteja precisando de uma assistente. Adoraria passar alguns dias na Barreira de Corais - suspirara outra funcionária.

- Corais? - protestara outra. - Você acabaria indo ao Alasca! É lá que todos os especialistas em biologia marítima gostam de fazer suas pesquisas.

Annie ouvira a conversa animada com um sorriso nos lábios.

Embora recebesse muitos convites de colegas da empresa, nunca aceitara sair com um deles. Helena a prevenira sobre os riscos de deixar que o amante imaginário conjurado em seus sonhos a cegasse para a realidade e impedisse a aproximação de parceiros reais, mas Annie sabia que a relutância não era fruto apenas dos sonhos românticos.

Era quase como se, de alguma forma, algo a impedisse de envolver-se com alguém. Como se esse envolvimento fosse errado. Não sabia de onde vinha essa sensação, e os sentimentos eram tão confusos e nebulosos, tão inexplicáveis e estranhos, que havia preferido não comentá-los com Helena. Tudo que sabia era que devia esperar. Mas... esperar o quê? Ou quem? Não tinha idéia. Só sabia que era algo que devia fazer.

Capítulo 2

Mais tarde, quando esperavam pela sobremesa, Annie pediu licença aos amigos para ir ao banheiro.

Estava passando pelo salão reservado quando a porta se abriu e um grupo de quatro homens surgiu no corredor. Dois deles eram executivos da companhia para a qual ela trabalhava, o terceiro era um desconhecido, e o quarto...

O choque fez seu coração bater mais depressa. Parada e boquiaberta, ficou olhando para o quarto homem do grupo com um misto de terror e incredulidade.

Era ele! O homem de seus sonhos! O amante imaginário! Mas como podia ser ele, se a criatura era apenas produto de sua imaginação? Não era possível! Devia estar imaginando... alucinando... Havia bebido champanhe demais.

Fechou os olhos e contou até dez antes de abri-los. O homem continuava no mesmo lugar, olhando para ela. Era como se o sangue houvesse sido drenado de suas veias,

como se fosse apenas um corpo vazio. O pânico a invadiu. Tentou mover-se e não conseguiu. Tentou falar, mas nenhum som brotou da garganta bloqueada por um nó. O medo era mais forte que todos os outros sentimentos. Queria mover-se. Queria falar. Mas não conseguia. E com uma certeza, devastadora, soube que ia desmaiar.

Annie abriu os olhos e constatou que estava nos aposentos pessoais de Liz. Bob e Helena á estudavam com ansiedade e apreensão.

- Querida, o que aconteceu? - Helena perguntou preocupada segurando sua mão. Os dedos buscaram a veia em seu pulso e a profissional tomou o lugar da amiga. Determinada, Annie sentou-se.

- Estou bem. Foi só um desmaio - sussurrou, chocada demais para revelar o verdadeiro motivo do desmaio. - Nunca tolerarei bebidas alcoólicas.

De qualquer maneira, Bob e Helena insistiram para que ela dormisse em seu antigo quarto na casa do casal. Tensa, a médica e amiga sugeriu que ela devia realizar alguns exames de rotina.

- Não há nada de errado comigo - Annie insistiu. - Foi apenas o choque...

- Choque? Que tipo de choque?

- Eu... pensei ter visto alguém. E... Bem, deve ter sido um engano. Imaginei alguém. Sei que foi isso, porque é impossível...

- Quem era? Quem você pensou ter visto, Annie? - Ninguém. Como disse, foi só um engano. - Mas ao estender a mão para pegar a xícara de chá que Bob havia preparado, começou a tremer tanto que teve de deixá-la onde estava. Cobrindo o rosto com as mãos, admitiu: - Oh, Helena, eu o vi... O homem dos meus sonhos. Ele estava... Sei que é impossível, que ele não existe, mas... Está ficando muito agitada. Vou lhe dar algo para relaxar e dormir, e amanhã conversaremos com mais calma. Apoiada nos travesseiros, Annie ofereceu um sorriso pálido. Sabia que a amiga estava certa, como sempre. Vários minutos mais tarde, Helena voltou ao quarto com um copo de água e dois comprimidos. Com uma ternura quase maternal, ela a ajudou a tomar o remédio e ajeitou as cobertas sobre seu corpo.

- Lamento ter arruinado sua noite.

A frase trêmula foi a última que Annie pronunciou antes de começar a sentir os efeitos do medicamento.

Mais calma, estranhou a própria reação intensa e infantil. Por causa de uma semelhança imaginária entre um desconhecido e o homem com quem sonhava constantemente, seu amante imaginário, perdera os sentidos no meio de um restaurante lotado. Pensando bem, o homem criado por sua imaginação jamais a teria olhado como aquele desconhecido, com uma hostilidade fria e agressiva nos olhos azuis e um desprezo cuja intensidade rivalizava com a da raiva estampada em seu rosto.

Sonolenta, fechou os olhos e ouviu o som da porta se fechando. Helena ainda descia a escada quando ela adormeceu.

- Suspeito de que a emoção da noite e as lembranças provocadas causaram o episódio - a médica comentou com o marido quando o encontrou na sala.

- Não sei. Tem certeza de que o tal homem não pode ser alguém que ela tenha conhecido?

- Bem, é uma possibilidade. Afinal, Annie ainda não recuperou a memória por completo. Ela se lembra de ter chegado em Wryminster, mas não sabe quando isso aconteceu. E

difícil imaginar que alguém tão íntimo a ponto de ser responsável pelos sonhos que ela relata não a tenha procurado depois do acidente. Os jornais anunciaram o fato. - Tem razão, é pouco provável - Bob concordou.

Annie dormia. Os lábios estavam distendidos num sorriso e o corpo era tomado por uma mistura de nervosismo e excitação.

- Deus, você é linda... Vai me deixar vê-la e toca-la? É tudo que quero...

Mãos quentes e experientes começaram a despi-la, provocando uma ansiedade que logo deu lugar ao prazer. O corpo respondia aos apelos verbais enquanto ia sendo desnudado e tocado, acariciado e despertado. A sensação era nova e agradável.

Sabia que aquela era sua primeira experiência com um homem, sua primeira vez, e ele havia garantido que a escolha, a decisão final seria dela. Se quisesse, só teria de exigir que parasse, e nada mais aconteceria. Mas não queria que ele parasse. Queria...

Os dedos alimentavam o desejo, despertando uma paixão que era de alguma forma conhecida, um sentimento do qual sempre soubera ser capaz, mas que até então estivera trancado dentro dela, escondido em algum recanto secreto para o qual só ele tinha a chave.

Amava-o tanto... E o desejava com ardor. O que considerava inviável com qualquer outro era perfeito com ele. O corpo todo ecoava a força do que estava sentindo... o ardor da paixão... o amor. Só precisava fitá-lo para sentir-se derreter.

A maneira como ele pronunciava seu nome era mais poética do que todos os sonetos. O jeito como a olhava era mais lindo do que todas as canções. E os sentimentos que despertava eram intensos e assustadores. Ele a excitava, confundia, provocando a vontade de rir e chorar ao mesmo tempo, preenchendo-a com tamanha felicidade que chegava a sentir medo. Com ele sentia-se quase imortal, mas, contrariamente, também experimentava a própria fragilidade em sua versão mais extremada, como se a dependência daquele amor pudesse destruí-la, como se a simples idéia de perdê-lo pudesse levá-la à ruína.

- Alguém já disse que sua boca é muito sexy? - ele acompanhou o contorno com a ponta de um dedo, sorrindo ao ver que Annie entreabria os lábios para capturá-lo e sugá-lo.

No sonho, ela gemia num prazer sem censura, o corpo movendo-se em busca do contato com o amante.

O sol da tarde penetrava pelas janelas amplas. Se abrisse os olhos, sabia que veria lá embaixo o tom púrpura das montanhas distantes, e se ficasse em pé veria a água cristalina do rio correndo manso e poderoso. Mesmo distante, podia ouvir o som constante, quase como se sentisse a força da correnteza, da mesma forma que sentia o pulsar másculo no interior do próprio corpo. Podia sentir o desejo nas mãos que a tocavam.

- Se quer que eu pare, é melhor dizer agora - ele sussurrou com voz rouca. - Depois será tarde demais. Mas não diria nada. Amava-o o bastante para enfrentar a experiência assustadora tão diferente dos beijos puros que trocara com os namorados de infância.

- Sou muito, muito mais velho que você - ele repetia com insistência.

Mas, em vez de afastá-la, a confissão persistente só intensificava o interesse e o desejo que sentia por ele, como se o imbuísse de um caráter místico, mágico, um conhecimento e uma sabedoria que despertavam em seu corpo anseios incontroláveis.

E agora estava próxima do momento da revelação, o momento em que...

Annie emitia um grito agudo e acordou assustada, o corpo banhado em suor e a mente confusa. Sentou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos.

O sonho havia sido tão nítido, tão real... E o amante imaginário aproximava-se cada vez mais de um ser vivo, de uma entidade que podia adquirir vida fora dos limites de sua mente.

Trêmula, fechou os olhos e lembrou o momento em que havia beijado a pequena cicatriz na têmpora do amante, o mesmo sinal que vira no desconhecido que a levava a desmaiar. Quantas vezes sonhara com aquela cicatriz sem se dar conta?

Não sabia. Só sabia que uma certa tensão o dominara no momento em que a beijara. A reação era tão familiar quanto o próprio reflexo. Mas como era possível? O que estava acontecendo? Estaria desenvolvendo algum tipo de sexto sentido, alguma percepção diferenciada, como a capacidade de prever o futuro? Estariam eles destinados a um encontro? Talvez os sonhos fossem o caminho encontrado pelo destino. para preveni-la e prepará-la para o que estava por vir. A idéia alimentou o medo que a fazia tremer.

Estivera muito perto da morte. Embora nunca houvesse comentado com ninguém, havia experimentado a sensação descrita por outras pessoas na mesma situação, indivíduos cujas vidas também estiveram em risco. Havia sido como se estivesse correndo para um local maravilhoso e acolhedor, como se fosse empurrada através da escuridão na direção da luz. Depois sentira a força súbita e irresistível que a empurrara no sentido contrário. Ouvira a voz impessoal anunciando que ainda não era seu momento de partir.

Teria essa experiência desenvolvido nela a habilidade de pressentir os eventos importantes que ainda ocorreriam em sua vida?

Teria o anseio secreto de encontrar alguém especial, alguém a quem pudesse amar com a segurança gerada pela certeza da retribuição, afetando seu equilíbrio a ponto de estar vivendo em sonhos o que ainda estava por acontecer na realidade? Seria o amante imaginário uma figura real que encontraria no futuro?

Impossível. Absurdo. Talvez... Mas quantos mistérios desafiavam a razão e a lógica?

O medo que sentira no início da noite, o choque, o pânico, tudo desaparecia em vista da excitação que beirava a euforia. O amante imaginário não era apenas um sonho. Era real. Era... Entusiasmada, Annie fechou os olhos e tentou sentir novamente o calor daquelas mãos.

Só depois de muito tempo conseguiu voltar a dormir, e quando finalmente fechou os olhos, estava convencida de que o encontro com a personificação do homem de seus sonhos havia sido um ato do destino, um evento para o qual a imaginação tentara prepará-la.

- Annie, como se sente, meu bem?

Sonolenta, ela abriu os olhos e viu Helena entrando no quarto com uma xícara de café.

- Não sei - admitiu. - Aqueles comprimidos me nocautearam. - Devagar, sentou-se na cama e encarou a amiga com determinação. - Helena, você... acredita em destino?

- Não sei. O que quer dizer com destino?

- O homem que vi no restaurante ontem à noite. A princípio pensei ter imaginado tudo aquilo. Tive certeza de que não podia ter visto o homem com quem sonho constantemente. Mas depois sonhei com ele novamente, e então soube...

- O quê? Pode falar comigo.

- Acho que nosso encontro foi planejado pelo destino e... - Parou e balançou a cabeça, identificando a incredulidade no rosto da amiga. - Sei que tudo isso parece absurdo, mas que

outra explicação pode haver? Por que sonho com ele todas as noites? De onde vem a sensação de já conhecer esse homem?

Helena sentou-se na cama e deixou a xícara sobre o criado-mudo. Annie era uma jovem adorável, alguém a quem amava como a filha que nunca tivera, mas também era uma mulher muito vulnerável. A gravidade do acidente e o trauma gerado por ele haviam roubado a energia que deveria ter sido usada em seu processo de amadurecimento, a energia que fora desviada para a recuperação física.

Não que Annie fosse pouco inteligente. De maneira nenhuma. Conseguira conquistar o diploma e tinha um interesse pelo mundo e pelas pessoas que, em alguns sentidos, a tornava mais madura que outros jovens de sua idade. Mas ela não havia amadurecido como mulher, não tivera tempo e oportunidade de viver experiências sexuais, cometer enganos, erros de julgamento, enfim, mergulhar em todas aquelas loucuras tão próprias da juventude em sua jornada através dos anos turbulentos entre o final da adolescência e a metade da terceira década de vida.

Agora ela dava sinais de preferir um amante imaginário a um homem de carne e osso, de acreditar mais no destino do que na realidade.

- Acha que estou sendo tola, não é? - Annie perguntou constrangida.

- Não. Mas talvez... Já pensou que esse homem pode parecer familiar por ser realmente um conhecido?

- Refere-se ao homem dos meus sonhos?

- Ao homem com quem sonha - Helena corrigiu. - Talvez tenha essa sensação de familiaridade por conhecê-lo de verdade.

- O quê? Isso é impossível!

- Minha querida, ainda existem alguns espaços em branco na sua memória. As semanas que antecederam o acidente, o episódio propriamente dito e as semanas seguintes, quando estava em coma... Não se lembra desses períodos.

- Sim, eu sei. Mas não posso tê-lo conhecido... não como sinto... como acontece... Se fosse verdade... - Parou e balançou a cabeça. - Não, Helena. O que está sugerindo é simplesmente inviável. Eu saberia se ele... se nós... Não - repetiu.

- Confesso que a idéia parece improvável, mas senti que devia mencioná-la.

- Eu entendo. Mas se esse homem me conhecesse, não acha que ele teria aparecido depois daquele anúncio que pôs nos jornais? Não, minha amiga. Não conheço o homem que invade meus sonhos todas as noites. - E sorriu. - Lamento o susto que dei em todos com aquele desmaio ontem à noite - acrescentou com tom mais prosaico. - Deve ter sido o efeito do encontro inesperado depois de duas taças de champanhe.

- Bem, foi uma noite muito emocionante - Helena comentou sorrindo.

- Você tem sido tão boa para mim!

- Pode estar certa de que tem me recompensado por tudo que fiz. E vai me dar netos! - provocou, amenizando a tensão antes de exclamar. - Céus! Prometi a Bob que o ajudaria com as malas. Vamos viajar para aquela conferência amanhã e... Ah, a quem estou tentando enganar? Ele é muito melhor nisso que eu.

Annie suspirou.

- Quatro dias no Rio de Janeiro... Que maravilha! - Nem tanto. A conferência ocupará três dias inteiros, e quando conseguir me recuperar do cansaço provocado pelas explorações

de Bob e pela diferença entre os horários... - Pare de reclamar! Você sabe que vai adorar cada minuto da viagem. Quando fomos a Roma no ano passado, fui eu que tive de voltar para o hotel e descansar!

- E verdade. Foi uma viagem maravilhosa, não? - Helena levantou-se. - Fique deitada e descanse. Pode estar se sentindo bem, mas seu corpo ainda está tentando superar o choque.

- Foi só um desmaio, Helena.

Mesmo assim, teve de concordar com a médica e amiga quando, horas mais tarde, ela anunciou que a levaria ao hospital para alguns exames.

- Ah, às mães! - O residente brincou depois de certificar-se de que não havia nada de errado com Annie. - Adoram criar confusão!

- Tem razão! - Annie concordou sorrindo.

Depois corou ao perceber que o jovem a olhava com um misto de admiração e interesse.

Capítulo 3

- Tem certeza de que está bem? - Helena perguntou quando Annie foi deixá-los no aeroporto.

- É claro que sim. E para provar, vou começar o trabalho de jardinagem que estou adiando há meses.

O jardim da pequena casa era longo e estreito, delimitado ao fundo por um muro alto de tijolos que garantia a privacidade. No Natal, Helena e Bob haviam dado a ela um livro de jardinagem com idéias maravilhosas e um vale bastante generoso para compras numa loja local, e Annie fizera um projeto que pretendia pôr em prática.

A primeira coisa de que precisava eram treliças coloridas para apoiar nas paredes, e assim, depois de deixar o casal de amigos no aeroporto, ela seguiu direto para a loja especializada em equipamentos para jardim.

Várias horas mais tarde, entrou no carro satisfeita com a escolha. As treliças seriam entregues em sua casa e um funcionário do setor de cercas iria fixá-las. Cantarolando, ligou o motor e deixou-se invadir pela atmosfera alegre do dia. O sol brilhava forte no céu azul e uma brisa suave soprava as nuvens brancas que vagavam lentamente. Num impulso, decidiu trocar o caminho mais curto pela rota que passava pelo rio.

A região rural nos limites da cidade era cortada por estradas estreitas que podiam confundir os motoristas menos atentos, especialmente quando se optava pela rota entre as árvores e mais afastada do rio, como ela acabara de fazer. Apreensiva, parou em um entroncamento sem saber por onde devia seguir.

O instinto apontava para a direita, mas a lógica sugeria que a pista da esquerda a levaria de volta ao rio. Encolhendo os ombros, seguiu o instinto e arrependeu-se ao constatar que o caminho escolhido ia aos poucos se tornando mais estreito, até transformar-se em uma única pista que subia uma encosta de vegetação tão exuberante, que era impossível determinar onde estava. Apesar da certeza de nunca ter dirigido por ali antes, Annie sentia que a área era familiar.

Depois de uma curva mais fechada e perigosa, ela se viu diante da entrada de uma casa muito grande em estilo vitoriano. No alto de cada pilar de tijolos havia uma estranha escultura de metal. As peças haviam sido feitas com os arpões dos navios do homem que construía aquela casa com o dinheiro que ganhara com sua frota. E como sabia disso? Aturdida, parou o carro e desligou o motor. Devia ter lido a informação em algum lugar.

Havia lido muito durante os meses de recuperação, e um dos assuntos que despertara seu interesse fora a história local.

E no entanto... Desceu do carro e sentiu o coração bater mais depressa enquanto caminhava para a casa. As árvores que flanqueavam a alameda bloqueavam a luz do sol, projetando sombras tão escuras que, ao superar aquela etapa do caminho, ela se sentiu ofuscada pela luminosidade natural. Fechou os olhos tentando superar o desconforto, mas voltou a abri-los ao sentir que algo se colocara novamente entre ela e a luz do sol.

- Você! - sussurrou, o corpo tremendo por conta da mistura de choque e excitação provocada pela visão. - É você! - repetiu, os olhos iluminados pelo espanto e pela felicidade enquanto se aproximava do homem que saíra da casa.

De perto e à luz do dia, podia certificar-se de que ele era exatamente o homem de seus sonhos. A natureza do impulso que a levava até ali confirmava as hipóteses que antes haviam parecido absurdas.

Era verdade. O destino traçara aquele encontro.

Os olhos eram tão azuis quanto os que via em sonhos. A pele era bronzeada e os cabelos tinham o mesmo tom negro que se acostumara a ver todas as noites. Tudo nele era como nos sonhos. Tudo! Até mesmo a boca. Especialmente a boca!

Annie sentiu um arrepio diante da promessa de sensualidade dos lábios carnudos. Se fechasse os olhos, poderia experimentar novamente as sensações provocadas pelos beijos ardentes.

- Então você veio.

A voz ecoou em sua mente, o tom inesperadamente ríspido, até um pouco hostil, mas familiar.

A intensidade das emoções era assustadora. Viajara de muito longe até aquele momento, até aquele instante no infinito.

- Sim - respondeu em voz baixa. - Você... sabia que eu viria? - Era como se houvesse penetrado em outra dimensão.

Podia ver a porta da casa aberta atrás dele. Além dela, sabia, havia um longo corredor com uma mesa sustentando um busto de bronze do homem que construía o imóvel. Na balaustrada da escada era possível ver entalhadas todas as formas de criaturas marítimas, tanto reais quanto místicas: golfinhos, baleias, polvos, cavalos marinhos e sereias haviam sido desenhados na madeira pelas mãos habilidosas de um artesão.

- Eu...

A voz dele soava tensa, como se também tivesse consciência da importância do que acontecia. Os olhos buscaram outros pontos, como se não suportassem encará-la, e Annie foi tomada de assalto por uma mistura de amor e desejo de protegê-lo.

Impelida pelo instinto, aproximou-se e pousou a mão em seu braço.

- Está tudo bem. Estou aqui. Nós... nós... - Podia sentir os músculos enrijecendo sob seus dedos, e ao encará-lo notou que os lábios estavam apertados numa linha fina. - Podemos entrar? - indagou hesitante.

A casa a atraía. Era como se já a conhecesse, como se tivesse consciência de suas formas, dos cômodos, da história do lugar, do cheiro que a impregnava. Como também o conhecia.

Sentia a tensão crescendo, mas era tarde demais para recuar. Estava no hall, e sabia que ele a seguira e bloqueava a saída.

- Nunca pensei que isto pudesse acontecer - Annie comentou com simplicidade, deixando os olhos registrarem cada detalhe da realidade daquele ser humano.

Ele era alto, muito mais alto do que ela. Mas já sabia disso. Como também conhecia cada milímetro do corpo coberto por uma camisa e pela calça jeans que não escondia coxas poderosas. Havia uma pequena cicatriz na parte interna da coxa direita, relíquia de um acidente de infância. E quando a tocava com os lábios ele...

Não conseguia controlar o tremor que sacudia seu corpo ou esconder o que sentia e desejava. Amava-o tanto! - Podemos... subir? - perguntou com voz rouca, os olhos fixos em seu rosto enquanto esperava pela resposta. Teve a impressão de que muito tempo havia se passado antes de ouvir a voz tensa e seca.

- Se é isso que quer...

- Sim - afirmou ousada. - Sim, é isso que quero. - "Quero você. Amo você." Queria gritar seu amor, mas tudo acontecia tão depressa que não encontrava um espaço para colocar os sentimentos.

Em vez disso...

Tocou o rosto tão conhecido, absorvendo através dos dedos o calor humano de que tanta falta sentira, a realidade da pele de um homem de verdade, de um amante de carne e osso.

Assustada, recuou um passo interrompendo o contato. = Você me quer - ele afirmou.

Annie assentiu, entorpecida com a força do que estava vivendo. O momento de seu encontro com o destino finalmente chegara. Sentia-se tonta, abalada e apreensiva. O silêncio e a tensão se estendiam como uma fina camada de gelo sobre águas profundas e perigosas, convidando os mais incautos a desafiar seus riscos.

- Venha.

Ela o obedeceu sem hesitar, mergulhando em seus braços e sentindo o calor envolvente do corpo musculoso. O ar escapou de seus pulmões numa nuvem morna quando os lábios buscaram os dela para um beijo íntimo e úmido. - Oh, sim... você me quer...

Ouviu as palavras sensuais murmuradas contra sua boca, a voz carregada de satisfação e orgulho masculino. A pélvis pressionada contra a dela era a confirmação da paixão que os incendiava. O beijo foi como uma declaração de posse, e Annie gemeu sentindo a própria vulnerabilidade, lamentando sua falta de experiência e conhecimento. E no entanto, de alguma forma sabia o que tinha de fazer. Reconhecia cada passo daquele caminho.

Ele interrompeu o beijo para provar o sabor de um seio, os dedos afastando as roupas que os separavam do objetivo com um misto de habilidade e rapidez irresistíveis. Faminto demais para esperar, ele beijava um seio enquanto acariciava o outro através do tecido fino do sutiã.

Por um momento ela teve a sensação de que morreria de prazer. Com os olhos fechados, viu novamente por trás das pálpebras o mesmo cenário branco e brilhante que conhecera quando estivera tão perto da morte; puro, intenso, ardente, envolvente, profundo... como o melhor tipo de amor que um ser humano podia conhecer. Assustada, abriu os olhos e concentrou-se na cabeça morena debruçada sobre seu peito. A pele suave da nuca exposta era uma contradição ao que estavam vivendo, à natureza. erótica daquele encontro. Ali era possível ver um menino vulnerável, uma criança... o filho que um dia teriam...

De repente ela parou, tensa, como se a idéia houvesse acionado algum mecanismo emperrado em sua memória. A dor, intensa a ponto de provocar uma imobilidade protetora, ia aos poucos enfraquecendo, mas ainda tinha o poder de assustá-la.

- O que foi? Está arrependida? - A pergunta soou tão brusca quanto o movimento com que ele ergueu a cabeça. Havia algo de sombrio em seus olhos, uma expressão que a fez desviar o rosto. Um estranho desconforto ameaçou dominá-la, uma dor de origem desconhecida que ela tratou de sufocar. Nada poderia apagar o brilho daquele encontro mágico. Absolutamente nada.

- Eu... - começou hesitante, tentando encontrar as palavras certas para expressar o que sentia, para pedir sua ajuda a fim de aplacar a onda de dor que ameaçava crescer em seu peito.

Mas, em vez de ouvi-la, ele balançou a cabeça e disse: - Pensei que quisesse ir para a cama comigo. E isso que quer, não, Annie?

Annie! Ele sabia seu nome!

- Eu... Sim, é isso que quero - conseguiu responder com voz trêmula. - Lá em cima... no quarto... no quarto... - Sei a que quarto se refere.

Devia estar imaginando a raiva contida por trás de cada palavra.

Subiram a escada juntos, lado a lado, abraçados. Na metade do caminho ela parou, buscando automaticamente a janela de onde era possível ver o rio.

- Esta casa foi construída por um capitão de fragata - disse.

- Sim, eu sei.

- Eu... sonho com ela ocasionalmente - revelou, escolhendo as palavras para contar sua experiência. - Com a casa... com o quarto... e com você.

Ele a abraçou com mais força. Terminaram de subir os últimos degraus e pararam na porta do quarto antes que ele fizesse a declaração que inundou seu corpo de alegria. - Também sonho com você.

Então não estava sozinha em sua crença... no reconhecimento elementar.

- Quer dizer que também me reconheceu naquela noite... no restaurante?

A resposta foi um movimento afirmativo de cabeça, um gesto brusco, quase relutante. Ele também sentia medo. Oh, como o amava! E como queria protegê-lo de todo sofrimento.

- Vai ser muito bom... - Annie prometeu com ternura. - Seremos felizes...

No interior do quarto, tudo era exatamente como em seus sonhos. As janelas largas com vista para o rio e para as montanhas, o piso de madeira polida, as paredes nuas, a cama...

Annie estremeceu ao vê-la, os olhos fixos na conhecida armação de ferro trabalhado que formava a cabeceira. A cama era maior que a dela, coberta por roupas brancas de linho tradicional. Podia quase sentir o perfume da lavanda nos lençóis.

- Esta cama... - começou com voz rouca.

- É uma cama de casal - ele completou apressado, revelado uma certa amargura. Depois tomou-a nos braços com um desejo e uma urgência que a surpreenderam. - Beije-me. Você sabe como deve fazer.

Annie acatou a exigência, buscando apenas o prazer que poderia encontrar enquanto o satisfazia. Entreabrindo os lábios, deixou que ele a invadisse sem oferecer resistência, antecipando a imitação do ato de amor. Ansiosos, começaram a despir um ao outro, as mãos dela revelando uma habilidade que jamais imaginara possuir.

Não havia nada a temer. Conhecia aquele homem dos sonhos, e sabia que ele também a conhecia. Não havia um único milímetro de pele que não houvessem tocado e explorado.

Mesmo assim... uma certa timidez se fez presente. Uma espécie de nervosismo tipicamente feminino, algo que estava transmitindo através dos dedos que a acariciavam. - Está com medo...

Era quase como se a idéia o agradasse, e Annie sentiu a tensão ganhar força.

- Não - respondeu, o corpo e os olhos inundados por uma súbita e inexplicável suavidade. - Como posso ter medo... de você?

De repente sentiu que, sem querer, havia libertado um poder desconhecido, uma força primitiva que ia além da capacidade de controle de ambos. Sem dizer mais nada, ele a pegou nos braços e levou-a para a cama, os olhos cheios de promessas ardentes e sensuais, o rosto corado pela paixão.

Annie estendeu a mão para tocá-lo. Um gemido rouco escapou de sua garganta e ele virou a cabeça para capturar seus dedos com a boca, lambendo a palma delicada enquanto a fitava tentando decifrar suas reações.

O prazer era envolvente e intenso..

- Sim, sim... Oh, sim... - gemeu, o corpo buscando o dele, tentando acomodar as mãos que buscavam regiões cada vez mais íntimas e sensíveis. Se fechasse os olhos, poderia sentir sua necessidade e o calor que emanava do corpo másculo. Já conhecia o sentimento despertado pela posse completa, pela invasão erótica. Se vivia em realidade o que antes conhecera em sonhos... Não fazia diferença. A experiência não era nova. - Eu quero você... - murmurou, terminando de despi-lo para poder sentir cada porção de pele quente. A paixão a impelia a cometer atos ousados. Enquanto o tocava, ia explorando o corpo bronzeado e deliciando-se com o prazer que via nos olhos dele. Não sabia de onde havia tirado a idéia, mas algo a fez levar um dedo aos lábios antes de deslizá-lo sobre um de seus mamilos.

- Annie, pare... Não sabe o que está fazendo comigo... - ele começou, deixando a frase morrer num gemido. Inflamada com a demonstração de desejo, Annie tentou tocar com os lábios a região que havia acariciado com os dedos, mas ele a agarrou pelos pulsos e empurrou-a contra o colchão.

O jeans que ela havia desabotoado estava mais baixo, revelando parte da cueca branca e a evidência de seu desejo. Com a boa seca, Annie esperou... desejou... implorou em silêncio pela saciedade.

Nem mesmo nos sonhos havia sido daquela maneira, tão intenso, tão imediato, tão complexo. De repente compreendia que os sonhos haviam sido apenas uma sombra apagada do que seria a realidade.

- Você me quer - ele repetiu.

Annie sorriu. Sentia-se tão poderosa, tão feminina, tão confiante... Com delicadeza, libertou-se das mãos que a imobilizavam e despiu a própria calça, desnudando-se diante dos olhos famintos. Depois repetiu o gesto com ele, levando as mãos ao minúsculo tecido branco que a impedia de apreciá-lo por completo.

- Sim, faça isso... faça isso...

As palavras eram uma ordem e uma súplica, e Annie as acatou de imediato. O sorriso desapareceu de seus lábios, banido pela onda de emoções provocada pela visão do corpo nu.

Sonhos eram... apenas sonhos. E ali vivia a realidade. Dor e prazer se misturavam em medidas iguais. Sem pensar no que fazia, ela o abraçou e encostou o rosto no dele, deixando que as lágrimas molhassem a pele morena. - Não.

A rejeição firme a assustou. Confusa, sentiu que era empurrada com determinação. Encarou-o e viu uma emoção tão poderosa em seus olhos, que por um momento não soube o que fazer. Não conseguia raciocinar, nem articular o que gostaria de dizer.

Esqueceu as mãos que apertavam seus braços, a rejeição e o choque causado por ela. No rosto desprovido de cor, os olhos azuis cintilavam com um sofrimento tão evidente que era impossível não reconhecê-lo.

Era como olhar para sua alma e ler as mais fortes e assustadoras emoções, sentimentos que podiam enfraquecê-lo e torná-lo vulnerável. Dor, angústia, raiva, carência, necessidade. Podia ver cada uma delas, e testemunhar o momento de fragilidade fazia seu coração transbordar de amor e ternura.

Não conseguia compreender sentimentos tão fortes e contraditórios. Mas sabia que ele precisava de seu conforto, e por isso estendeu os braços para protegê-lo no interior de um casulo de amor.

As lágrimas continuavam brotando de seus olhos.

- Amo você - confessou com a voz embargada. - Sempre o amei e sempre o amarei.

Algo brilhou nos olhos dele, uma resposta tão rápida que desapareceu antes que Annie pudesse reconhecê-la. Mas era impossível não ouvir a fúria na voz descontrolada.

- Como pode dizer tal coisa?

Estava zangado... questionando seu amor. Por quê, se devia senti-lo, se conhecia sua profundidade, se...

- Você não me quer? - indagou, o queixo tremendo e o rosto corado.

Ele olhou para o próprio corpo antes de responder: - O que você acha? E evidente que a quero! E sei que também me quer. - Desse momento em diante, assumiu o comando da situação, beijando-a com uma ternura que era ao mesmo tempo erótica e ingênua. Annie pressionou o corpo contra o dele, sentindo a pele nua e quente e correspondendo sem reservas.

Precisava estar com ele, senti-lo, tocar a realidade. Os sonhos já não eram o suficiente.

A experiência foi muito além dos sonhos. Juntos viveram a essência da união absoluta entre dois seres humanos. Havia sonhado tanto com aqueles momentos de intimidade, que julgara saber tudo sobre ele. E em alguns sentidos não se enganara. Estivera preparada, pronta e ansiosa para recebê-lo graças a esse conhecimento. Mas em outros aspectos...

Um gemido abafado escapou de sua garganta quando viu os corpos entrelaçados e satisfeitos. Tomada por uma espécie de adoração, virou o rosto para beijá-lo, as mãos estendidas em sua direção diante do breve sinal de hesitação. Não podia aceitar ou permitir nenhum receio depois do que haviam acabado de experimentar, depois do êxtase completo e envolvente que os sacudira em espasmos sucessivos, depois da explosão de calor e prazer que os levara ao ponto mais alto do arco-íris, a um paraíso onde existiam apenas as mais belas e doces sensações.

Sentindo ainda a languidez produzida pelo orgasmo violento, tentou expressar a felicidade que a inundava, mas era impossível encontrar palavras que pudessem traduzir os sentimentos. Em vez disso, beijou-o e sorriu.

- Amo você - repetiu. - Não havia percebido... Antes você era apenas um sonho para mim, e pensei que esses sonhos fossem maravilhosos e perfeitos demais para serem reproduzidos pela realidade, mas agora... Agora você me mostrou que a realidade é muito mais completa. - Com os olhos cheios de lágrimas, levou os dedos dele aos lábios e beijou-os. - Obrigada. Muito obrigada, meu amor... meu verdadeiro amor... meu único amor...

Se lamentava não ouvir palavras de retribuição, ao menos tivera a possibilidade de sentir fisicamente a certeza daquele amor. Além do mais, sabia que os homens se tornavam tímidos quando tinham de expressar seus sentimentos abertamente.

A última coisa que pensou antes de adormecer era que não havia no mundo mulher mais feliz que ela.

Olhando para o rosto tranqüilo de Annie, Dominic Carlyle tentou compreender como ela podia dormir tão profundamente, sem ser atormentada pela culpa.

Furioso, afastou-se dela e começou a recolher as roupas espalhadas pelo quarto.

Bem, Annie podia dormir nos braços da paz, mas ele era incapaz disso. O que o possuía? Aquela mulher não tinha mais nenhum significado em sua vida. E como poderia ter? De olhos fechados, a boca comprimida enquanto tentava banir da mente a expressão em seu rosto pouco antes de adormecer, logo depois de ter beijado seus dedos e pronunciado aquelas palavras inesperadas, engoliu em seco. Havia sido apenas uma encenação, como tudo que ela fizera antes. Não havia outra explicação para o estranho comportamento.

No meio do caminho para a porta, parou e olhou para trás, para o corpo adormecido em sua cama. Ela se mantinha encolhida, como se ainda estivesse aninhada em seus braços.. Mesmo dormindo, tinha de continuar fingindo. Por quê? O que a levava a ser assim? Toda aquela conversa absurda sobre destino, todos os gestos grandiosos...

Só havia uma maneira de descobrir a verdade. Teria de interrogá-la de forma direta e franca.

Ao passar pela porta a caminho do quarto de hóspedes, balançou a cabeça, surpreso com a coragem da mulher que dormia em sua cama. Voltar a invadir sua vida como se nada houvesse acontecido... como se todos os anos anteriores nunca houvessem existido.

Capítulo 4

Irritado, Dominic sentou-se na cama e consultou o relógio. Quatro horas da manhã. Não conseguiria voltar a dormir. Estava tenso, agitado, a mente dominada por lembranças e por sentimentos de raiva e rancor.

Mal conseguira acreditar quando a vira no restaurante onde jantava com os executivos da Petrofiche, a companhia para a qual passara a prestar consultoria como biólogo marítimo. E depois, quando ela chegara em sua casa...

Sabia sobre seu retorno? Nunca tivera a intenção de conservar a propriedade, mas o trabalho no Oriente Médio o mantivera fora do país por algum tempo, durante um período em que os preços haviam estado em declínio no mercado imobiliário. Só deixara de vender a casa porque pretendia esperar por uma oferta razoável. Depois, quando aceitara a proposta de trabalho que representaria um grande salto em sua carreira, apesar de ter de

voltar ao local onde conhecera Annie, decidira aproveitar a saída dos últimos inquilinos e instalar-se novamente no imóvel.

Mas... como ela fora capaz de aproximar-se novamente? O corpo ainda queimava com a lembrança dos momentos de amor. Amor? Não. O que fizera havia sido apenas um ato mecânico, um comportamento absolutamente natural de buscar satisfação para uma necessidade física. Sexo. Sim, esse era o nome. Annie... Fechou os olhos para conter uma onda de tristeza.

Naquela noite ela agira e falara como se... O quê? Toda aquela bobagem sobre destino e amor! Não podia esperar que ele acreditasse... Não podia imaginar que seria capaz de convencê-lo...

Furioso, levantou-se e caminhou nu até a janela. A casa era isolada o bastante para garantir a mais completa privacidade. E quem poderia pensar em roupas depois de uma experiência tão devastadora?

Annie!

Quase cinco anos haviam se passado desde que a conhecera. Ela, uma jovem de dezoito anos. Ele, quase dez anos mais velho, porém mais vulnerável. Apaixonara-se quase que à primeira vista, e depois a seguira até a pensão barata onde ela se hospedava.

Annie ficara confusa e apreensiva quando a abordara, tentando demonstrar uma sofisticação que não possuía, uma capacidade de controle que só a maturidade poderia proporcionar. Ficara encantado com sua ingenuidade, ansioso para tomá-la nos braços e protegê-la, talvez preveni-la contra os perigos de se deixar atrair por um homem como ele.

Vários dias mais tarde, depois de muita persistência e paciência, conseguira convencê-la a aceitar um convite para sair. Annie sugerira um café e escolhera uma mesa próxima da janela. Lembrava-se de ter aplaudido sua cautela, enquanto uma parte mais elementar e machista de sua personalidade lamentara não poder levá-la a algum lugar mais tranquilo. Mas, como nunca fora um homem das cavernas, aceitara a imposição de permanecerem em um local público.

Naquele primeiro encontro conversaram sobre muitas coisas. Quatro horas depois de tê-la ido buscar na pensão, ele a levava de volta e arrancara da jovem ingênua a promessa de que sairiam outras vezes.

Apaixonar-se não fazia parte de seus planos, especialmente por uma jovem de dezoito anos às portas da vida adulta e no primeiro semestre da universidade, mas os sentimentos por Annie o pegaram de surpresa, causando um choque e uma confusão que haviam impedido qualquer tipo de reação de sua parte.

Antes de conhecê-la havia assinado um contrato de prestação de serviço para um sultão de um pequeno estado árabe no Oriente Médio. Em termos profissionais, a oportunidade era única e valiosa, e por isso a agarrara' com ansiedade e entusiasmo.

Os poucos meses que precederam a viagem deveriam ter sido empregados na solução de questões práticas, como o que faria com sua casa em Wryminster durante o período em que ficaria ausente, ou pôr em dia as visitas que ficara devendo aos amigos que residiam na área rural.

A lógica apontava para a venda do imóvel, um lugar grande demais para um homem sozinho, mas, como Annie, também não tinha parentes próximos. Herdara a propriedade de uma tia-avó, e por isso sentia-se no dever de conservá-la.

Sério, afastou-se da janela.

Uma semana depois de ter conhecido Annie, soubera que estava apaixonado por ela. Mais uma semana, e compreendera que a única solução seria casar-se com ela, por mais que a consciência desaconselhasse o gesto.

Annie era jovem demais para o compromisso exigido pelo matrimônio, inexperiente demais para uma escolha tão definitiva e séria. Mas também era sozinha, vulnerável, e vira em seus olhos a dor e o medo da rejeição na noite em que a informara sobre sua iminente partida para o Oriente.

amor que Annie jurara sentir por ele não passara de uma paixão adolescente. E quem poderia culpá-la por ter confundido os sentimentos? Sempre soubera de sua inexperiência, de sua instabilidade, e mesmo assim insistira no envolvimento. Furioso, cerrou os punhos. O que estava fazendo? Por que ainda tentava justificar seu comportamento?

Annie era muito jovem, mas devia ter percebido que o que sentia por ela era algo mais profundo e maduro. Nunca escondera a intensidade de seu amor. E mesmo assim ela o abandonara sem nenhuma explicação, sem sequer permitir que falasse com ela e tentasse... o quê? Convencê-la a ficar?

Repetira aquela discussão silenciosa dezenas de vezes, e ainda não conseguira encontrar, respostas. Se era culpado por tê-la apressado com relação ao casamento, Annie também tinha culpa por não ter sido franca, por não ter dito claramente que queria a separação. Assim teria... Droga! O que teria feito? Usado o poder da atração sexual para fazê-la mudar de idéia? Teria ido tão longe? Ou teria sido forte o bastante para pôr as necessidades dela em primeiro plano e aceitado a separação?

Gostava de acreditar na última hipótese, mas Annie devia ter imaginado o contrário e temido não ser capaz de resistir ao desejo. Esse era um sentimento sobre o qual jamais existira dúvidas. Nunca experimentara nada parecido antes de conhecê-la, nem depois dela. Mas depois de Annie, nunca mais desejara sentir algo parecido. Depois dela, essa parte de sua natureza, de sua vida...

Irritado, reconheceu os pensamentos e alterou seu curso. Ele a levara até aquela casa pela primeira vez depois de uma longa caminhada pela margem do rio. Prometera levá-la de volta à pensão e estivera disposto a cumprir a promessa. Mas, quando estavam chegando na propriedade, a chuva começara a cair forte. Nenhum dos dois saíra prevenido, e o mais lógico havia sido buscar refúgio em sua casa.

Annie ficara espantada e fascinada com a amplitude do lugar, e ainda lembrava como ela protestara insistindo que os sapatos molhados arruinariam o piso de madeira. Também notara o evidente sentimento de inferioridade e sofrera por isso. A fim de ajudá-la a relaxar, começara a contar parte da história da casa e de seu primeiro proprietário.

Ela se encantara com os golfinhos, traçando o desenho delicado com a ponta de um dedo, os olhos brilhando enquanto ela o encarava e comentava a beleza do trabalho artesanal.

Havia sido naquele momento que desistira de lutar contra os sentimentos por ela, incapaz de resistir ao impulso de tomá-la nos braços e amá-la. Annie era virgem quando a amara pela primeira vez. Uma menina. Mas não havia sido uma menina que se deitara em sua cama horas antes. Não, agora ela era uma mulher... Podia sentir o corpo tenso, reagindo. Quando as mãos começaram a tocar e acariciar sua pele...

Dominic balançou a cabeça com vigor, mas nada era capaz de apagar as lembranças. Depois da caminhada que fora concluída sob um violento temporal, insistira para que ela ficasse e jantasse com ele.

- O que gostaria de comer? - indagara.

Tímida e insegura, ela respondera encolhendo os ombros. Todas as vezes em que saíram para comer em um restaurante, ela buscara sua orientação com os olhos antes de optar por uma das sugestões do cardápio, mas só .naquela noite, depois de pressioná-la para que escolhesse um prato qualquer, ela confessara que a maneira como fora criada não a preparara para o estilo sofisticado de vida de que ele desfrutava.

Antes haviam falado rapidamente sobre sua infância, mas naquela noite Annie oferecera mais detalhes, especialmente depois do vinho que Dominic abrira para acompanhar a refeição.

Seus pais também haviam morrido quando ainda era pequeno, e a ausência da mãe era uma experiência em comum. Mas era neto de pessoas muito ricas, e apesar de ter considerado os cuidados distantes e frios e ter sido educado em um colégio interno muito formal, nunca passara por nada parecido com o que Annie enfrentara. Jamais tivera de pensar no próprio sustento.

Depois da emocionante confissão, passara a sentir de forma ainda mais intensa a necessidade de protegê-la, e ficara admirado com o fascínio estampado nos olhos dela durante a rápida visita ao mercado local, onde foram comprar os ingredientes para o jantar. Tomado por uma espécie de instinto paternal que nunca imaginara ter, percorrera os corredores explicando a origem e a utilidade de cada ingrediente que ia colocando no carrinho, dizendo também como eram preparadas e saboreadas.

- Mas quem vai cozinhar? - Annie havia indagado depois de ouvi-lo.

- Eu.

E Dominic cozinhou.

Antes de conhecê-la, sempre havia se considerado um solteirão convicto cujo principal foco era a carreira. Desde a infância sonhara tornar-se biólogo marítimo e seguir os passos dos pais, um casal que trabalhara e morrera unido em um acidente no litoral das ilhas Maurício.

Gostava de mulheres. Oh, sim, apreciava o sexo oposto. Mas preferia relacionar-se com suas representantes mais adultas e sofisticadas, porque essas entendiam que seu interesse não incluía um relacionamento permanente.

Com Annie, no entanto, esses sentimentos haviam mudado. Não a queria apenas na cama. Queria tê-la a seu lado para sempre, em todos os momentos de sua vida.

Depois do jantar foram para a sala íntima, onde a - convencera a falar sobre seus sonhos e esperanças enquanto a alimentava com morangos cobertos com, chocolate intercalados com pequenas porções de champanhe.

Depois de comer um fruto mais suculento, Annie ficara 'com o canto da boca sujo de chocolate, e ele se inclinara para limpá-lo com os dedos. O corpo reagira imediatamente ao contato, e não pudera mais conter o desejo de beijá-la. Ela o fitara com uma mistura de ansiedade e incerteza.

- Tudo bem - murmurara a fim de tranquilizá-la. - Não vou machucá-la...

Machucá-la! Dominic riu com amargura. Que piada! Mas, naquela época, não podia imaginar o que aconteceria. Ela se mostrara tão ingênua, tão doce e amorosa!

Haviam ido para a cama pela primeira vez um mês depois de terem se conhecido, e ele a estimulava a despir as inibições junto com as roupas. No final, havia sido ele quem estivera próximo de perder o controle, incapaz de dominar o que sentia ao tocá-la.

Seis semanas depois do primeiro encontro haviam se casado, e duas semanas mais tarde ela o abandonara. Fora totalmente honesto com Annie desde o início. Nunca escondera que em breve teria de partir para assumir um novo trabalho no Golfo, e também deixara claro, pouco antes do casamento, que não poderia levá-la naquela viagem. - Quanto tempo vai passar fora? - ela havia perguntado. - Assinei um contrato de três anos, mas terei vários períodos de licença. Por exemplo, terei um mês em casa na época do Natal, e depois mais dois no verão. E você tem a faculdade para ocupá-la. O tempo vai passar depressa.

- Tem certeza de que quer se casar comigo?

- É claro que sim - ele respondera, sem se dar conta de que as dúvidas eram dela.

- Tem mesmo certeza de que deseja se casar comigo? - Annie pressionara em outra ocasião.

Mais uma vez, não entendera a pista que ela oferecia. Não compreendera que devia devolver a pergunta.

Por isso respondera com firmeza. - Já disse que sim. Eu amo você. -

Mas somos tão diferentes...

- É verdade. Você é uma mulher, eu sou um homem - rira.

- Sabe que estou me referindo a outras coisas. Vai dizer que o que importa é a essência do ser humano, e concordo com isso, mas outras pessoas fazem julgamentos, e fomos criados de formas tão diferentes que... Oh, eu nem sei quem são meus pais, e...

- Nada disso tem importância.

- Não? Seus amigos, seu estilo de vida... - Minha vida é você, Annie.

- Eu? Como, se nem estará aqui? - Você sabe que não tenho escolha. -

Sim, eu sei.

E Dominic sentira-se culpado pelo sofrimento que vira em seus olhos. Desde o início soubera que não poderia deixar de cumprir o contrato com o sultão árabe. Apesar disso, tentara consolá-la.

- Sei que vai ser difícil para nós dois, mas outros casais conseguem superar longos períodos de separação. - Eu sei. As vezes tenho a impressão de que meu destino é estar sempre sozinha.

- Você não estará sozinha - ele insistira.

Mas os olhos de Annie permaneceram tristes, desolados. - Talvez seja mais fácil viver sem esses sentimentos tão envolventes. Sem amar alguém - ela opinara mais tarde. Havia sido a partir daquela conclusão que começara a afastar-se? Mas ela se mostrara tão feliz no casamento, tão apaixonada! Ou o fato de ser dez anos mais velho o levava a crer que sabia o que era melhor para ela?

Era forçado a reconhecer que os anos anteriores e o sofrimento promoveram grandes mudanças. Jamais poderia entender como ela tivera coragem de abandoná-lo sem ao menos oferecer uma explicação, mas a amargura havia se transformado em uma espécie de aceitação mais racional. Mesmo assim, parte dele ainda precisava de respostas para as questões que ela deixara em sua vida.

Os pensamentos voltaram ao passado. Annie havia se casado com ele. Tivera de cumprir uma série de formalidades e tomar muitas providências, como notificar as autoridades e providenciar toda a documentação. Até as alianças que comprara tiveram de voltar à joalheria para ajustes, porque o dedo dela era tão delicado que o menor anel ficara largo.

Dominic a carregara até a cama naquela primeira noite de casados e a amara com as janelas abertas para que pudessem ouvir os sussurros do rio e do vento. O clímax fora tão intenso que Annie gritara, um som agudo e feminino que ecoara no silêncio da noite.

Por um instante o tempo havia parado, como se todo o universo reconhecesse a força daquele amor. Pelo menos havia sido essa a sensação que experimentara.

Mais tarde ela chorara, e Dominic também ficara com os olhos cheios de lágrimas emocionadas. Mas, quanto mais se aproximavam da data da partida, mais ela se tornava triste e retraída, plantando nele a semente da culpa por saber que era responsável por todo aquele sofrimento. Afinal, não medira esforços para persuadi-la a aceitá-lo como marido, e agora, além do próprio sofrimento por ter de partir, teria de conviver também com a lembrança daquele olhar aflito e deprimido.

E então, numa certa noite, tiveram a primeira e fatídica discussão.

O dia havia sido quente, e Dominic sentia-se irritado com o calor e com as circunstâncias. Temia o momento de deixá-la, e já começava a considerar a hipótese de romper o contrato com o sultão e procurar por outro trabalho mais perto de casa. Mas... onde? Em uma das companhias de petróleo que operavam no Mar do Norte?

No Golfo estaria no comando de uma equipe de mergulhadores e biólogos contratados para verificarem os efeitos da poluição sobre a fauna e a flora local. Era uma oportunidade única de participar de uma pesquisa que era o sonho de todos os profissionais de sua área. Pretendia publicar um artigo com suas descobertas assim que concluísse o trabalho no Oriente, e sabia que jamais teria outra chance como aquela.

Mas odiava a idéia de afastar-se de Annie. Passara as três noites anteriores ouvindo seu choro aflito no meio da noite, e havia uma tensão entre eles que nenhum dos dois era capaz de dissipar.

Annie começaria o primeiro semestre na universidade uma semana depois de sua partida, e naquele dia, tentando abrir um novo assunto que não estivesse relacionado a sua viagem, ele passara a tarde falando sobre todas as opções profissionais que teria depois de concluir o curso.

- Não sei mais se quero ir para a universidade - ela confessara em voz baixa. - Afinal, agora estamos casados e... bem, quando tivermos filhos...

- Filhos! - Dominic interrompera. Nunca haviam discutido se teriam ou não uma família. A experiência da própria criação, a crença infantil de não ter sido importante o bastante para os pais e a compreensão madura das exigências do trabalho que havia escolhido... Bem, tudo o levava a entender que nem todos os seres humanos estavam aptos a assumirem a responsabilidade de uma nova vida, e a maior questão era saber se não era um desses incapazes.

Pelo visto, Annie tinha um ponto de vista completamente diferente do dele, e precisava fazê-la compreender que precisavam de tempo para ajustar o relacionamento e conquistarem uma certa estabilidade matrimonial antes de pensarem em filhos.

Não havia a menor possibilidade de se tornarem pais enquanto estivesse preso ao contrato no Oriente. Não queria que seu filho passasse por tudo que havia sofrido na infância.

- Não quer ter filhos? - ela exclamara chocada. - Mas... por que não?

- A paternidade não se limita a ter um bebê, Annie. A decisão de ter filhos envolve... - Tentara encontrar as palavras certas. - Envolve uma grande responsabilidade. Quando criamos um ser humano não estamos dando a ele apenas a vida. Estamos também impondo a essa criatura nossa história pessoal, nossas escolhas e decisões. E no momento, sinto que não quero sobrecarregar uma criança com todas essas opções. Temos um ao outro... não é o suficiente? Eu me casei para estar com você, Annie. Não para ter filhos.

- Sim, eu sei - ela respondera num tom abafado e triste. - Mas às vezes as coisas acontecem... um bebê é concebido sem ter sido planejado e...

- Não conheço - Dominic negara de imediato. - Eu não... - E havia parado para encara-la. - Do que estamos falando, afinal? Não é possível que esteja grávida.

Uma das primeiras providências que tomara desde o início do relacionamento havia sido a de garantir que ela não teria de preocupar-se com métodos anticoncepcionais, porque ele se encarregaria da proteção. Ficara emocionado quando, tímida, Annie confessara que havia lido em algum lugar que o sexo poderia dar mais prazer se ele não tivesse de usar nada, e por causa disso ela assumira a responsabilidade pela contracepção.

Aceitara a mudança sem questioná-la, movido pelo desejo de senti-la integralmente sem a barreira artificial da proteção.

- Não podemos ter nenhum acidente, Annie - repetira com firmeza.

- E se tivermos?

Seu rosto estivera corado e os olhos expressavam determinação. Normalmente não debatiam pontos polêmicos, e a última coisa que queria quando dispunham de tão pouco tempo juntos era discutir uma suposta gravidez. Levando os dedos à têmpora, massagara a região onde um latejar constante o incomodara durante todo o dia.

- Se tivermos, tomaremos a decisão mais sensata e interromperemos a gravidez.

- Aborto? - ela gritara com o rosto pálido. - Está dizendo que espera que eu tire a vida do nosso filho? - Annie, pelo amor de Deus, não seja dramática - ele pedira impaciente. - Quando chegar o momento, voltaremos ao assunto e faremos planos racionais para uma família. Até lá, seria loucura pensarmos em termos filhos. Olhe para você! Ainda é uma criança!

- Mas era uma adulta quando quis me levar para a cama e me pediu em casamento. E estamos falando do meu corpo. Meu, ouviu bem? E se há uma coisa de que tenho certeza, Dominic, é que nunca, absolutamente jamais, eu seria capaz de destruir uma vida em meu ventre. E se tentar obrigar-me, então... então...

- Então o quê? - ele explodira exasperado. O latejar persistente havia se transformado em uma violenta dor de cabeça.

- Então o deixarei.

- Deixar-me? Não seja ridícula! Isso é infantil, Annie. Estamos casados há menos de um mês. Você não está grávida e...

- E se estivesse? Você insistiria para que eu me submetesse a um aborto, certo?

Dominic havia suspirado.

- Não podemos ter um filho agora. - Por que você não quer?

- Você sabe em que posição eu estou. Preciso pensar na minha carreira e...

- Oh, sim, sua carreira! Não devo me esquecer dela, não é? Nada, ninguém pode interferir em sua preciosa carreira! Naquele momento compreendera, ou pensara ter com-

preendido, o que estava errado. Como ele, Annie temia a separação e buscava defesas contra a dor.

- Vamos parar com essa tolice - dissera, abrindo os braços numa oferta de paz.

Mas, em vez de aceitá-la e mergulhar no abraço, Annie recuara um passo, o rosto e o corpo gelados numa demonstração de desdém.

- Sexo... É só nisso que sabe pensar, Dominic? Lamento, mas não estou com a menor disposição.

E partira, deixando-o boquiaberto e dividido entre a raiva e o riso.

Não havia visto a esposa demonstrar toda aquela altivez antes, nem tamanha obstinação, refletira mais tarde, quando ela recusara todas as tentativas de aproximação. Irritado com a demonstração de imaturidade e com a própria dor de cabeça, acabara encolhendo os ombros. - Se fosse você, tentaria crescer um pouco antes de pensar em ter filhos - havia disparado.

Naquela noite, pela primeira vez desde o casamento, dormiram sem se tocar. Por várias vezes Dominic se sentira tentado a estender a mão e acariciá-la, a encerrar a discórdia com uma declaração de amor e uma confissão sobre como temia ter de deixá-la. Mas era um homem orgulhoso, e precisava sentir que ela também o queria, que era mais importante para ela do que uma criança que ainda nem havia sido concebida.

Mas Annie não tomara a iniciativa de aproximar-se, e . *no foral*, por conta da dor de cabeça que ameaçava enlouquecê-lo, tomara os analgésicos que mantinha em casa para esses momentos e dormira até tarde na manhã seguinte.

Quando conseguira superar o sono profundo induzido pelo medicamento, Annie havia partido.

Para nunca mais voltar...

A princípio havia imaginado que ela fora até a cidade para fazer compras, mas depois de ter passado o dia todo esperando em vão, começara a compreender que ela não retornaria.

Vasculhara as ruas da cidade e o campus da universidade, mas não encontrara nenhum sinal dela. Desesperado, visitara a pensão onde ela vivera antes do casamento, mas a dona havia partido em uma viagem de férias com o marido, e a prima que ela deixara em seu lugar nem reconheceria a descrição de Annie.

Dominic passara noites em claro, esperando ouvi-la entrar em casa, mas nada havia acontecido.

Uma semana se passara sem nenhum sinal dela, e Dominic começara a acreditar no impossível. Annie o abandonara, e tudo por causa de uma discussão estúpida.

Tentara lembrar que ela era apenas uma criança de dezoito anos. A reação exagerada era compreensível e perdoável. Annie voltaria assim que superasse a mágoa. O amor que os unia era forte demais para que continuasse longe dele.

Dez dias mais tarde, na véspera de sua partida para o Oriente Médio, ainda não conseguira aceitar que ela realmente o deixara, que não estava apenas representando em uma tentativa tola de castigá-lo. Alimentara a esperança de vê-la até o último minuto, até a última chamada para o embarque, e decolara levando com ele essa mesma esperança, certo de que o casal que ficara cuidando da casa o informaria de seu retorno dentro de alguns dias.

Mas nada disso acontecera, e no final tivera de aceitar que a razão pela qual ela não voltara, a razão que a levava a deixá-lo, era o arrependimento. Lamentava ter cometido o erro de se casar com ele e pretendia reparar seu engano.

Naquele Natal Dominic não voltara para o Reino Unido. Para quê? Comemorara seu aniversário sozinho no mês de março, e repetira a experiência nos anos seguintes. Também havia lembrado sozinho todas as datas especiais, como o aniversário do primeiro encontro, o da primeira noite de amor, o de casamento...

Os anos passaram, levando com eles o choque e a incredulidade. Tudo que restara era uma irritação natural por não saber o que a levava a partir sem dar explicações. Resignara-se com a dor que o acompanharia para sempre, mas a última coisa que esperava era vê-la voltando como se nada houvesse acontecido. Sem aviso, sem justificativas, sem sequer reconhecer ou mencionar o que fizera. E nunca havia esperado testemunhar um comportamento tão bizarro.

Tenso, lutou contra a onda de dor que ameaçava inundá-lo. No passado, quando faziam amor, ele era o tutor, e ela, a discípula. Mas naquela noite... Com a amargura que só um homem que amara e fora rejeitado podia sentir, rangeu os dentes contra a ferocidade do ciúme provocado pela idéia dos relacionamentos que ela podia ter mantido em sua ausência.

Toda aquela bobagem sobre destino, sobre terem nascido para estarem juntos, tudo havia sido ridículo. Annie não podia esperar que acreditasse nela! Então, por que não dissera alguma coisa? Por que não a detivera? Por que não se havia contido? Porque era um homem. Annie não tinha mais nenhum significado especial, nenhum, e a primeira coisa que faria quando ela acordasse seria exigir uma explicação para o seu reaparecimento. Sim. Essa seria sua, primeira atitude. E a segunda seria providenciar o divórcio!

Capítulo 5

Anníe acordou sobressaltada e olhou em volta antes de sorrir aliviada, reconhecendo a silhueta recortada contra a luz da janela.

- Não *foi só* um sonho - disse com alegria. Dominic olhou para ela. Que papel estaria representando agora? Bem, também sabia representar.

- Não, não *foi um* sonho - concordou. - E tenho os arranhões para comprovar a realidade. Quer vê-los?

Ao vê-la corar e baixar a cabeça numa demonstração de pudor, teve de admitir que ela era uma excelente atriz. Mesmo conhecendo a verdade, não conseguia evitar que o coração batesse mais depressa enquanto lutava contra o ímpeto de aproximar-se.

Endurecendo o coração, preparou-se para dizer a ela que estava perdendo tempo tentando confundi-lo, mas antes que pudesse pronunciar as palavras, Annie o surpreendeu.

- Sei que parece tolice, mas ainda não consigo acreditar que tudo isso é real. Que você e eu somos reais. - O que quer que eu faça para provar que não está sonhando? Quer que eu vá até aí e... - Parou ao perceber que a sugestão, cujo objetivo era colocá-la em seu devido lugar, exercia um efeito indesejado sobre seu corpo. Sabia que a desejava no sentido físico da palavra, mas não a queria de verdade. Mesmo assim, era como se os pés se movessem com vontade própria, levando-o até a cama e para perto de Annie. Não. Tudo que queria era certificar-se de que ela não fugiria quando a desmascarasse e exigir uma explicação para o estranho e inusitado comportamento.

- Preciso me levantar - ela anunciou. - Você deve ter coisas para fazer e...

- E você também. Como tem ocupado seu tempo, Annie? O que tem feito com sua vida?

Por um momento ela reagiu com surpresa, assustada com o tom agressivo. Puxou o cobertor sobre o corpo com tamanha modéstia, que Dominic sentiu-se impressionado.

- Eu... trabalho para a Petrofiche em regime de meio período - contou hesitante.

Agora começava a entender tudo. Por isso ela sabia sobre seu retorno à região. Devia ter ouvido alguma coisa sobre sua contratação nos corredores da empresa.

- Meio período? - comentou com tom crítico.

Mas ela não parecia registrar o desprezo em sua voz ou o significado das palavras.

- Oh, isto tudo é um sonho que se realiza - disse. - Nunca pensei... Quando o vi no restaurante naquela noite... Não imaginei que isso pudesse acontecer. - Enquanto falava, estendeu a mão para tocar a dele, o rosto iluminado por uma alegria radiante e o corpo todo tremendo. - Dizem que a realidade nunca pode corresponder às expectativas criadas pelos sonhos, mas não é verdade. Minha realidade... Você... - Parou para encará-lo com uma emoção tão intensa, que Dominic teve de lembrar quem era ela, e como era improvável que estivesse falando sério. - Você é muito mais que... muito mais do que sonhei ser possível. Ainda não acredito que tive a sorte de encontrá-lo... que o destino aproximou nossos caminhos. Sinto-me tão... abençoada! Ontem à noite - continuou, puxando a mão dele para fazê-lo sentar-se na cama -, vivi a experiência mais perfeita e maravilhosa de toda minha vida. E você foi o responsável por isso. Eu o amo tanto...

Era difícil lembrar que ela mentia, que a emoção era apenas uma farsa, uma encenação para envolvê-lo. E Annie ainda não se cansara de representar.

- Oh, céus! Acho que vou chorar. E os homens detestam mulheres choronas, não é? Apaixonara-se por cada faceta de sua personalidade, especialmente pelo senso de humor, mas, como tudo nela, agora sabia que a riso fácil também era uma ficção. Por isso afastou-se.

- Estou com fome - disse. - Vou descer e preparar o café.

Era melhor esperar até que estivessem em um ambiente mais neutro para confrontá-la, disse a si mesmo enquanto se levantava. Mas, consternado, sentiu que ela segurava seu braço e o impedia de escapar.

- Também estou faminta... por você.

- Ah... Quer mais sexo? - Sem parar para analisar a fúria ou a maneira como reagia a ela, tomou-a nos braços e beijou-a.

Annie temia desmaiar. Acordar naquela manhã na cama onde havia passado a noite com o homem que amava, saber que ele era real, que o sentimento era verdadeiro, era quase mais do que podia compreender. E ser novamente abraçada e beijada por ele, sentir aquela energia vibrante, saber que ele a desejava... Queria tocá-lo e acariciá-lo... carícias íntimas... mas ainda sentia vergonha de tomar certas iniciativas.

A hesitação desapareceu quando ele a empurrou contra o colchão e murmurou:

- Foi você quem pediu.

- Eu... sim, eu quero você - ela sussurrou. - Não imagina como o amo...

Dominic puxou o cobertor com um movimento brusco, quase furioso. As mãos e as bocas tocaram sua pele nua, acariciando, explorando... Sabia que ele podia vê-la com clareza à luz pálida do amanhecer, mas não sentia nenhum constrangimento. Tudo que sentia era o fogo que fazia sangue ferver em suas veias. Inflamada, tentou tocá-lo e assustou-se ao ouvir o grito que precedeu o afastamento. - Não!

- Está mesmo muito interessado no café da manhã, não é? - brincou, oferecendo um sorriso terno.

- Vou descer para prepará-lo. - E saiu apressado. Annie o viu partir. O corpo ainda clamava por ele, mas sob a urgência havia um delicioso contentamento, uma lembrança doce e positiva da noite que haviam vivido juntos.

Foi fácil encontrar o banheiro da suíte. Na verdade, tinha a sensação de conhecer todos os recantos da casa. O lugar era tão familiar, que em outras circunstâncias teria recebido o sentimento com certa desconfiança. Mas sabia que tudo fazia parte da espantosa trama do destino, e por isso encarava as emoções com absoluta naturalidade.

Foi ainda mais fácil encontrar a cozinha, não só pelo instinto que a guiava, mas por causa do delicioso aroma café e bacon.

- Preparei ovos mexidos para você. Sei que gosta deles assim.

Annie olhou em volta e sentou-se enquanto o prato de comida era posto diante dela.

-Eu... nunca como todas essas coisas no café... exceto... - No Natal e em outras ocasiões especiais. Sim, eu sei. Atento, viu a confusão dominar seus traços enquanto ela tocava os alimentos com a ponta do garfo.

- Não entendo como pode saber tantas coisas sobre mim sem ao menos nos conhecermos - começou devagar. Em seguida sorriu. - Mas estou feliz por termos nos encontrado. E por você me amar.

- Pelo amor de Deus; Annie! - Dominic explodiu. - Pare de fingir. A brincadeira acabou. E quanto ao meu amor por você... O que pensa que sou? Que tipo de tolo imagina que sou? De minha parte, só existe uma razão para o que aconteceu entre nós ontem à noite, um motivo que não tem nenhuma relação com amor ou sentimentos mais nobres. Eu apenas reagi como um homem normal. Fui tentado, provocado, e não hesitei diante da oportunidade de saciar certas necessidades físicas.

Annie o encarava em silêncio. Sentia o coração disparado no peito. Os pulmões ardiam como se respirasse gás tóxico.

- Não entendo - começou receosa. - O que está dizendo?

- Chega de fingir, Annie. Já disse que não sou nenhum idiota. Toda essa tolice sobre destino... Meu Deus, você é muito fria. Voltar à minha vida... deitar-se em minha cama como se os últimos cinco anos não houvessem existido...

Era como se uma enorme pedra a esmagasse lentamente, impedindo o raciocínio, a respiração e todas as outras funções do organismo. Mas a opressão não a impedia de sentir a dor e o medo.

- Por favor - gemeu, tentando recuperar o controle sobre as cordas vocais. - Não consigo entender!

- O que pode ser tão complexo?

Era evidente que ele estava furioso, mas não temia sua ira. Era como se não tivesse energia para considerá-la enquanto lutava com a enormidade do choque que estava sofrendo.

- Acha que eu entendi quando desistiu de tudo? De mim, do nosso casamento... Casamento!

Annie levantou-se e sentiu o quarto girar depressa. Uma voz poderosa penetrou em seus sentidos.

- Oh, não, nem pense nisso. Não vai conseguir escapar fingindo um desmaio. Annie... Annie!

Ouviu o tom furioso antes de mergulhar no alívio oferecido pela completa escuridão.

Quando recobrou a consciência estava sentada, desta vez numa confortável poltrona em uma sala bem mobiliada. Como os outros cômodos da casa, aquele também era vagamente familiar.

O medo tornava-se mais intenso. E também um sentimento de... de... Não sabia identificar o que sentia, mas era algo terrível.

- Eu... Nós... Não podemos ser casados - sussurrou com dificuldade. - Não o conheço! Nem sei qual é o seu nome!

Por um momento pensou que ele fosse agredi-la, tal a intensidade de sua fúria, mas quando se encolheu, ele recuou e riu.

- Essa é boa! Ontem à noite disse que o destino havia nos unido, que eu era seu único e verdadeiro amor, e agora está tentando me convencer de que nem sabe quem sou. Diga-me, Annie, tem o hábito de ir para a cama com desconhecidos? Esta é outra parte de sua personalidade que eu não conhecia? Como a tendência de desaparecer sem dar explicações? Por acaso parou para pensar no que eu senti?

Era um pesadelo! Sim, agora compreendia! O sonho havia se transformado em um terrível pesadelo.

- Não podemos ser casados!

- Quer uma prova? - E caminhou até uma escrivaninha em um canto da sala. De uma gaveta retirou uma pequena caixa de onde extraiu um pedaço de papel. - Leia isto - ordenou com tom seco.

Annie obedeceu e sentiu o sangue congelar nas veias; as mãos estavam tão frias que doíam.

Devagar, leu o documento até o fim antes de encarar o homem diante dela.

- Seu nome é Dominic... - Tinha muitas perguntas a fazer, mas não conseguia formular nenhuma delas. Ele havia dito que o abandonara... desaparecera. Que tipo de relacionamento teriam tido para que tomasse uma atitude tão drástica? Sabia que não daria as costas para um compromisso tão sério quanto o do casamento. Que tipo de casamento? Ou que tipo de homem? Um homem que levava mulheres para a cama pelo simples prazer do sexo? - Não posso ficar aqui. Tenho de ir embora...

- Nem pense nisso. Primeiro vai ter de explicar por que me deixou. É o mínimo que posso esperar. E depois daquela farsa patética de ontem à noite... Destino!

O que poderia dizer? Tinha de defender-se.

- Deve ter sido... Eu jamais teria...'- Parou e respirou fundo. Apesar do choque, ainda tinha seu orgulho. Não reforçaria o que havia dito na noite anterior.

- Por que não fala o que tem em mente? Não consegue lembrar? - ele debochou.

- Não.

O silêncio estendeu-se por alguns segundos, tenso, enquanto eles trocavam um olhar repleto de significados. Depois Dominic praguejou e virou-se, de forma que estava de costas para ela quando disse:

- Que tipo de resposta é essa, Annie? Acha mesmo que sou algum idiota? Ontem à noite, quando estávamos na cama, você se lembrou de tudo. Cada toque, cada carícia... cada beijo que no passado costumava usar para excitar-me.

- Não foi deliberado... - E parou. O que Dominic dizia era chocante e doloroso demais. Precisava escapar e ficar sozinha para tentar absorver todas as informações.

- Ei, onde pensa que vai? - ele gritou ao vê-la correr para a porta.
Estava tão apressada, que quase derrubou o carteiro ao sair.
Dominic, que tentava alcançá-la, foi detido pelo homem que solicitava sua assinatura em um recibo de correspondência registrada. Ouviu o som do motor do carro e os pneus rodando em falso no asfalto.
Ela conseguiu. Escapara mais uma vez.
Annie tremia tanto que temia não ser capaz de dirigir. Mas não podia parar agora... não enquanto não estivesse segura em sua casa.
Lágrimas corriam por seu rosto enquanto o coração batia forte com um misto de espanto e emoção. Não era Annie White. Era a sra. Dominic Carlyle... uma mulher casada... E seu marido era o homem de seus sonhos!
Quando finalmente parou o carro diante do chalé, ela ria com incredulidade histérica. O homem de seus sonhos... talvez. Mas, para Dominic, ela era a mulher de - seus piores pesadelos!

Capítulo 6

Foi maravilhoso. Bob diz que devemos voltar quando for possível e... - Preocupada, Helena parou de falar ao perceber que Annie não a ouvia. - O que foi?

- Nada... - Começou, disposta a negar qualquer problema. Afinal, era uma adulta e devia ser capaz de lidar com os próprios assuntos. Mas duas noites de insônia e o choque provocado pela descoberta de que ela e Dominic eram casados haviam abalado seu equilíbrio. - Descobri porque Dominic, o homem que vi no restaurante, parecia tão familiar para mim.

Ansiosa, Helena deixou sobre a mesa a xícara de café que Annie servira pouco antes e esperou. Estavam na cozinha do chalé, e Annie levantou-se para ir até a pia. Em silêncio, encheu um copo com água e bebeu devagar para umedecer os lábios antes de prosseguir.

- Ele é meu marido. - O quê?

- É isso mesmo. Ele me mostrou a certidão de casamento. - E encarou-a com um misto de angústia e desespero. Meia hora mais tarde concluía o relato sobre tudo que havia acontecido, ou quase tudo. Algumas coisas, certas traições contra a auto-estima, era incapaz de admitir até mesmo para a melhor amiga.

- Contou a ele sobre o acidente?

Annie balançou a cabeça.

- Não tive coragem. Ele afirma que eu o abandonei e... e não sei por que ele se casou comigo. E evidente que hoje em dia seus sentimentos por mim não são positivos.

- E você? O que sente por ele?

- Não sei. Foi um tremendo choque. Ainda não consigo acreditar...

Precisa contar a ele sobre o acidente.

- Não posso. E, para ser honesta, duvido que ele esteja preparado para ouvir-me. Sinto-me tão ridícula! Todas aquelas bobagens que disse sobre o homem de meus sonhos, sobre o destino...

- Ele é seu marido. - Havia algo que devia perguntar, mesmo percebendo a angústia e a infelicidade da amiga e paciente. - Quando ele falou sobre o casamento, você...

- Não - Annie interrompeu, adivinhando sua dúvida. - Não me lembrei de nada. Infelizmente... E preciso lembrar. Tenho de saber por que abandonei o homem que amava e desisti do meu casamento. Não consigo acreditar que tenha sido capaz de tal coisa. Preciso saber a verdade, ou...

- Dominic não pode ajudá-la a entender por que o deixou? - Não sei. Ele estava tão furioso comigo!

Como não queria pressioná-la e contribuir para a tensão que a torturava, Helena desistiu das perguntas e tentou acalmá-la. Mas, no fundo, já havia decidido que o marido de Annie tinha o direito de saber toda a verdade sobre o acidente. Se ela não tivesse forças para contar a história... Bem, teria de falar em seu lugar.

Depois que Helena foi embora, Annie lavou as xícaras, tentando conter o leve tremor que parecia ter dominado suas mãos. Duas noites de insônia e ansiedade haviam esgotado suas reservas de energia, mas, mesmo que se deitasse, não conseguiria dormir.

Precisava de um pouco de exercício. Sim, uma boa caminhada poderia ajudá-la. Mas uma voz persistente apontava que, no fundo, só uma coisa poderia auxiliá-la: lembrar aquelas últimas semanas, aquele período que permanecia enterrado em algum recanto sombrio da memória. Enquanto não recordasse todos os detalhes, não conseguiria defender-se das acusações de Dominic nem refutar suas afirmações.

Helena estivera na Petrofiche e descobrira que Dominic trabalhava em casa. Melhor assim. Iria visitá-lo sem aviso prévio, caso ele tivesse a intenção de evitá-la.

A casa e a região onde fora construída eram impressionantes, e ela desceu do carro e caminhou até a porta apreciando cada detalhe do conjunto harmonioso. Por que Annie abandonara o marido e seu lar? Dominic Carlyle tinha a chave que poderia desvendar o mistério. Haveria alguma informação vital que ele preferia manter em segredo, ou, conforme afirmara, também desconhecia os motivos que levaram a jovem esposa a deixá-lo?

Helena tocou a campainha e não teve de esperar por muito tempo.

- Dr. Dominic Carlyle? - Sim, sou eu.

- Meu nome é Helena Lever.. Sou médica e amiga de Annie.

- Médica? - Intrigado, ele a convidou a entrar e levou-a à sala de estar.

- Annie não sabe que vim procurá-lo - Helena começou, balançando a cabeça para recusar o suco que ele ofereceu com um gesto. - Tinha de vê-lo, porque há algo que deve saber.

Dominic estudou-a com atenção. Ela tinha toda a aparência de uma profissional muito dedicada. Dissera ser médica de Annie, e de repente o medo provocou um arrepio que percorreu toda a extensão de suas costas.

- Ela está doente? - perguntou sem rodeios.

- Não no sentido físico - Helena respondeu com a mesma objetividade. A ansiedade e a preocupação que ouvira na voz dele a pegaram de surpresa. Depois de como Annie descrevera seu encontro com aquele homem, esperava encontrar alguém mais hostil. - Ela foi vítima de um grave acidente que resultou em um episódio de amnésia. Por isso...

- Espere um minuto! De que acidente está falando? Nós... - Acalme-se, dr. Carlyle. Já vai entender tudo. Sei que esteve com Annie recentemente. Quando ela disse que não sabia

sobre o casamento, estava dizendo a verdade. Ela não tem nenhuma recordação do acidente ou das semanas que o antecederam. Se não acredita em mim, existem registros médicos.

Dominic balançava a cabeça. Acreditava nela, mas estava perplexo com as revelações.

- Por que ela não me contou nada? Por que não me disse? - perguntou confuso. - Se houvesse falado... - Se ela houvesse falado, você não a teria hostilizado e ameaçado como fez? - Helena cortou ríspida. - Não. Imagino que não. Nenhum homem digno de seu nome teria um comportamento tão reprovável, não é?

O rubor sutil que tingiu o rosto bronzeado era a prova de que atingira um ponto sensível.

- Talvez tenha tido uma reação exagerada - ele admitiu. - Mas tem idéia do que senti quando ela simplesmente desapareceu?

- Não. Mas sei o que Annie teve de enfrentar depois de ter sido atingida por um carro quando atravessava a rua. Sei por quanto tempo ela ficou em coma, e como sofreu quando, ao recuperar a consciência, descobriu que não conseguia lembrar certos períodos da própria vida. - Quando... Quando tudo isso aconteceu?

Ao testemunhar a reação provocada pelos comentários, Helena decidiu que era hora de assumir um tom mais brando, menos acusador.

- Há cinco anos. Terça-feira, vinte e oito de setembro, pouco antes do meio-dia, de acordo com os depoimentos das testemunhas - informou. - O dia e a hora estão gravados em minha memória, porque perdi a conta de quantas vezes tive de escutá-los enquanto acompanhava minha paciente às audiências no tribunal. Ela teve de procurar ajuda legal para receber a compensação apropriada pelas lesões que sofreu.

Dominic estava pálido.

- Meu vôo partiu de Heathrow na tarde de vinte e oito de setembro - ele revelou em voz baixa. - A data também está gravada em minha memória. Fiquei parado no saguão do aeroporto até ouvir a última chamada para embarcar, esperando que ela aparecesse, que explicasse... Annie estava desaparecida havia dez dias. Disse que ela não se lembra de nada? Do casamento? De mim?

Podia ver como era difícil para Carlyle pronunciar as palavras, como também imaginava o golpe que seu orgulho sofreria quando ouvisse a resposta.

- Não, ela não tem nenhuma lembrança - respondeu. - Mas... ela me reconheceu.

- Sim. Em um certo sentido, Annie o reconheceu. Mas não como uma pessoa real. Não como...

- Como seu marido - Dominic concluiu. - Há alguma possibilidade de ela recuperar a memória? Algo pode ajudá-la a...?

- Sim, as lembranças podem voltar. Ninguém pode afirmar de maneira categórica quando isso vai acontecer, ou se algum dia acontecerá. E quanto ao que pode ser feito... Bem, acha mesmo que se houvesse alguma coisa, Annie não teria tentado? - Helena balançou a cabeça.

- Quando falávamos sobre o que aconteceu, e sobre você, ela me disse que seria capaz de qualquer coisa para lembrar. Entendo que esteja chocada com tudo que acabou de ouvir, mas tente imaginar o que ela deve estar sentindo e o que tem sofrido. Não só teve de passar os últimos cinco anos imaginando, preocupada com o conteúdo desse determinado período de vida, como agora tem de lidar com o trauma de descobrir que é casada com um homem de quem não consegue se lembrar, alguém a quem ela

upostamente abandonou sem sequer saber por quê. Posso garantir, dr. Carlyle, que Annie não é o tipo de pessoa capaz de dar as costas para um compromisso tão sério quanto o do

casamento sem que haja uma boa razão. Talvez saiba mais sobre esses motivos do que está disposto a dizer -- disparou, prendendo o fôlego enquanto via a expressão de Dominic mudar do espanto para a raiva.

- Não sei por que Annie partiu. Tivemos uma discussão ridícula sobre se deveríamos ou não ter filhos em algum estágio do nosso casamento, mas foi só isso. Helena levantou uma sobrancelha.

- Considera a decisão de formar uma família tão trivial assim?

-- Não. Pelo contrário. Minha infância me fez compreender a profundidade do assunto. Uma criança precisa ter certeza de que é amada e querida pelos pais. Disse que a discussão foi ridícula porque nos

desenten- demos sem nenhum motivo. Ou melhor, brigamos porque em breve teríamos de nos separar e estávamos muito ` tensos e deprimidos, não por discordarmos sobre uma questão importante como a decisão de ter filhos. - E respirou fundo. - Como ela está? Tive atitudes um pouco ' . exageradas na última vez em que estivemos juntos. Estava surpreso, atordoado e... Bem, não sabia nada sobre o acidente.

Ela está muito abalada - Helena informou com honestidade. - Mas também é uma mulher muito forte. Felizmente ela dispõe de muita fibra, ou não teria so brevidado. - E olhou para o relógio de pulso. Não podia mais prolongar a visita. - Annie precisa de sua compreensão, não de seu antagonismo - opinou com franqueza. - Não disse nada a ela porque não quero alimentar esperanças que podem ser vãs, mas acredito que sua presença pode ser um fator muito positivo no processo de recuperação da memória.

Dominic trabalhava num relatório muito complexo quando a chegada de Helena o interrompera, mas sabia que não seria capaz de retomá-lo agora que ela partira. Embora houvesse se esforçado para não revelar os sentimentos, as revelações o abalaram a ponto de não ter podido compreender tudo que ouvira.

Pensar em Annie ferida, sozinha em um leito de hospital, assustada... com dores, correndo risco de vida... A idéia provocava uma ira tão grande, um sofrimento tão intenso, que não conseguia ficar quieto. Por isso andava de um lado para o outro na sala de estar. Por que ela não dissera nada? Por que não havia explicado que estava sofrendo de amnésia? Teria entendido melhor toda aquela l' história sobre destino, familiaridade... Teria...

O quê? Era tarde demais para arrependimentos. Tarde demais para lamentar...

Mais uma vez, Dominic questionou-se. O que estava lamentando? O fato de tê-la levado para a cama? De ter tirado vantagem de Annie? Diante do que Helena revelara, seu comportamento só podia ser qualificado como cruel.

Mas não conhecia a verdade. Imaginara que ela representava, que fingia para enganá-lo... Annie havia falado sério? Sentira realmente a felicidade, o amor que um dia os unira? Teria mesmo acreditado que havia encontrado sua alma gêmea, que o destino traçara planos para que seus caminhos se encontrassem?

Bem, se acreditara nisso, àquela altura já devia ter mudado de idéia. Nada poderia destruir sua crença; ao, partir, ao abandoná-lo como havia feito, Annie destruíra o amor que um dia existira entre eles, mas nada desculpava seu comportamento. Teria de ir procurá-la. Devia pedir desculpas por como a ofendera e magoara, mesmo que ela ainda não pudesse desculpar-se por tudo que fizera no passado.

. Cansado, compreendeu que corria o risco de desenterrar em si mesmo emoções que não eram mais válidas ou necessárias. Mas pensar em Annie, sua Annie, ferida e indefesa,

fazia com que sentisse... com que quisesse... Mas ela já não era mais sua Annie. Deixara de ser sua no momento em que o abandonara.

Annie recolhia a roupa seca do varal. Passara as horas seguintes à visita de Helena num frenesi de arrumação e limpeza, atividades envolventes que a ajudariam a parar de pensar em Dominic e esforçar-se para tentar lembrar alguma coisa.

Sabia que devia ter amado Dominic, ou não teria sonhos tão ardentes com ele, e imaginava que havia sido correspondida, embora não houvesse detectado sinais desse amor quando... Não. Não devia pensar nisso. Apesar de tê-lo amado, sentira-se impelida a deixá-lo, e depois criara uma imagem de perfeição através dos sonhos que o enfocavam como amante.

Podia compreender melhor uma série de coisas agora que o encontrara, mas ainda não sabia por que em seus sonhos Dominic assumia o papel de herói, de salvador, de uma pessoa única e especial, quando a realidade era muito diferente disso.

Dominic a acusara de tê-lo abandonado, e não pudera defender-se, porque não tinha nenhuma lembrança dos eventos descritos por ele.

Levando a roupa seca, correu para dentro de casa tentando sufocar o pânico que crescia dentro dela. Mantendo-se ocupada, talvez pudesse controlar a ansiedade. Não ousava parar, porque temia pensar na natureza assustadora e irreal da situação em que se encontrava. Era uma mulher casada. Seu marido era Dominic Carlyle... um estranho!

Tremendo, sentiu que o sistema nervoso, já tão abalado, ameaçava entrar em colapso. Por isso esqueceu a roupa e decidiu preparar uma xícara de café. Havia acabado de pôr a chaleira com água sobre a chama do fogão, quando ouviu a campainha da porta. Devia ser Helena. A médica e amiga estava preocupada e não se cansava de insistir na idéia de hospeda-la em sua casa. Sorrindo, Annie foi abrir a porta.

A visão de Dominic era tão inesperada, que foi preciso um grande esforço e muita determinação para não sair correndo como um coelho assustado.

- O que você quer? - perguntou em voz baixa.

- Gostaria de conversar com você - Dominic respondeu com cortesia.

Mas Annie não se deixou enganar. Sabia que a delicadeza era apenas superficial, um traço que desapareceria assim que ele fosse contrariado.

- Pois eu não quero falar com você - respondeu orgulhosa, erguendo o queixo para enfrenta-lo com dignidade. Os vizinhos estavam saindo, e podia perceber que estavam atraindo mais interesse do que julgava conveniente. Gostaria de proteger-se da curiosidade daquelas pessoas. Como se pudesse pressentir sua intenção, Dominic sugeriu:

- Por que não me convida para entrar? Não vai querer que todo o bairro escute o que tenho a dizer.

Estava encurralada. Resignada, virou-se e voltou à sala, deixando a porta aberta para que ele a seguisse. Precisava mesmo do conforto da própria privacidade, da segurança de estar em um ambiente conhecido e protegido.

Dominic fechou a porta e perguntou: - Você está bem?

Bem? Mal podia suportar a intensidade da dor que ameaçava rasgar seu peito!

- Estava! - respondeu com frieza assim que recuperou a voz.

A chaleira apitava na cozinha. Annie atravessou a sala para ir até lá e, tensa, sentiu que Dominic a seguia.

Queria gritar para que ele não a seguisse, para que não se aproximasse dela. Não apreciava sua presença ali, em sua casa, em seu santuário.

-- Helena foi me procurar - ele revelou sem rodeios.

Annie sentiu o impacto provocado pelas palavras diretas. A sensação foi imediata e poderosa, uma mistura de dor e medo que a deixava paralisada.

Sentiu a chaleira escapando de seus dedos. Gritou alarmada, saltando para trás num movimento instintivo ao derruba-la e provocar uma cascata de água fervente. Podia sentir o braço ardendo onde a água o atingira. A dor era tão forte que ela nem tentou sufocar o 'to. Mas era como se tudo estivesse acontecendo com outra pessoa, como se não fizesse parte daquele cenário de horror.

Viu Dominic caminhando em sua direção. Ouviu a aflição em sua voz quando, nervoso, ele pediu para examinar área ferida.

- Não foi nada - Annie mentiu, lutando para não sucumbir sob a força das próprias emoções. - Só alguns 'respingos e... - Mas era tarde demais. Ele já segurava seu braço e examinava a pele avermelhada, primeiro com os olhos, depois com as pontas dos dedos. O polegar acompanhava o desenho da cicatriz que subia desde o pulso 'direito até o meio do braço. Apagada, ela ainda era um sinal que Annie preferia manter escondido.

Por que me deixou?

A pergunta foi a gota de água que completou o balde provações.

A ameaça que pairava sobre seu equilíbrio desde que `ubera que era casada venceu as barreiras que tentara construir e ela começou a chorar e tremer como uma 'nça apavorada. Cobriu o rosto com as mãos, como se im pudesse esconder-se dele e disfarçar a vergonha ue sentia da própria fraqueza.

- Não sei... - soluçou. - Não me lembro de nada... A confissão, como um reconhecimento das próprias fraquezas, abriu as comportas para a dor e o meda.que conseguira manter controlados desde o momento em que recobrou a consciência depois do acidente.

Tremia tanto. que mal podia manter-se em pé. Sentia-se impotente para assumir o comando dos acontecimentos a sua volta. Ouvia o próprio choro, como se estivesse sendo torturada, e depois viu os braços de Dominic estendidos em sua direção. Ele a abraçou e apertou contra o peito, e o calor de seu corpo teve o poder de aplacar: os sentimentos destrutivos como um manto de espuma apaga as chamas de um incêndio.

- Pronto. Acabou - ele disse minutos mais tarde, quando os tremores perderam intensidade e as lágrimas secaram. - Não pode ficar aqui sozinha. Você vem comigo.

- Não! - O grito acompanhou o movimento brusco que interrompeu o abraço. - Não sou nenhuma criança! Sou uma mulher adulta e...

- E também é minha esposa. Infelizmente não se lembra do nosso casamento, mas ainda somos marido e mulher. - Podemos nos divorciar...

- Sim, podemos, mas existem perguntas para as quais espero respostas. E enquanto não tiver todas as explicações, não haverá um fim oficial para a nossa união. Existem coisas que nós dois precisamos saber - reforçou. Annie desviou os olhos dos dele. Ainda se sentia fraca j e assustada com os sinais de esgotamento emocional. As pequenas porções de pele atingidas pela água ardiam, e experimentava uma tontura que era ao mesmo tempo incômoda e aterrorizante. Sentia-se quase aliviada por Dominic ter decidido assumir o controle.

- Está muito abalada - ele dizia com tom firme. Nós dois estamos. Vivemos uma situação que diz respeito a nós dois, um problema que teremos de resolver juntos. Não sei por que decidiu pôr um ponto final no nosso casamento e, neste momento, parece que nem mesmo você tem a resposta para essa questão.

- O que quer dizer com parece? Está insinuando que minha amnésia é uma representação? Acha que não quero lembrar? Pensa que... - Parou ao sentir que as lágrimas voltavam a encher seus olhos. Estava fraca e cansada, tanto no sentido físico quanto no emocional, e o que mais queria era encolher-se em algum lugar seguro e silencioso, algum canto escuro onde pudesse escapar do trauma que estava vivendo.

- Essa queimadura precisa de cuidados.

- Deixe-me em paz. Eu estou bem - respondeu. Mas sabia que não era verdade. Além da tontura e do enjôo, a visão já começava a ficar turva. Podia ver o rosto de Dominic e ouvir a voz dele como se houvesse uma tela através das pálpebras onde a mente projetava imagens armazenadas ao longo dos anos, mas não o via como ele era realmente. Cercada pela névoa da própria confusão, tentou agarrar-se às imagens sem foco e escuras, mas era tarde demais. As luzes já se estavam apagando.

Houve um tempo durante o período de recuperação em que havia se perguntado se um dia ficaria realmente bem, se a incapacidade de lembrar não era um sinal de que o cérebro também sofrera lesões, como o corpo. Helena fora questionada e tentara tranquilizá-la, mas Annie nunca tivera certeza absoluta da própria reabilitação, e a insegurança quase a demovera do propósito de obter o diploma e procurar um emprego adequado.

Agora, ao desviar os olhos dos de Dominic e ver as bolhas que começavam a se formar em seu braço, reconheceu que não tivera consciência da gravidade do acidente. E apesar da vertigem que ameaçava derrubá-la, podia ouvir a voz dele distante e firme.

- Chega de argumentos tolos. Você vai para casa comigo.

O médico do pronto-socorro havia dito que as queimaduras eram superficiais, mas que o estado emocional de Annie representava uma séria ameaça para sua saúde.

se agarrado a essa angústia para incinerar os sentimentos e transformá-los em uma massa entorpecida. Mas hoje, ao ver o medo e o sofrimento estampados no rosto de Annie, sentira o torpor se desfazendo, abrindo espaço para emoções perigosas e intensas.

A descoberta de que ela estivera à beira da morte, o conhecimento de que havia sofrido sozinha a angústia da perda da memória, o reencontro... Tudo servia para despertar nele sentimentos que jamais imaginara experimentar novamente. Mas não era amor, ele argumentou em silêncio. Como poderia ser?

Não. Era impossível. Mas saber disso não o impedia de lembrar...

Sem querer, olhou para a janela do quarto. Ali, naquela cama, sua cama, Annie dormia. Annie... Sua esposa... Na cama onde um dia haviam dormido juntos... Sua Annie... Seu amor...

Devagar, desviou os olhos para o rio. Ela sempre havia gostado de ficar deitada à noite com as cortinas e as janelas abertas a fim de ouvir o som distante da correnteza. Certa vez haviam ido até lá para nadarem nus -protegidos pelo manto da escuridão.

A princípio ela se mostrara hesitante, dizendo que o rio estaria frio e que alguém poderia vê-los, mas depois começaram a trocar carícias e todo o resto fora esquecido. A água estivera mesmo fria, mas eles...

Mais tarde, já perto do amanhecer, ela o tocou na cama e acariciou seu corpo, beijando-o e tomando a iniciativa pela primeira vez desde que se conheceram. Entre um beijo e outro, Annie havia sussurrado:

- Prometa que vai me amar para sempre.
- Para sempre - ele respondera com sinceridade. Dominic voltou ao escritório. Era um homem adulto e muito ocupado, com um complexo relatório para concluir. Não podia ficar vagando pelo jardim enquanto o pensamento voava para horizontes perigosos. Por mais que o estado de Annie provocasse sua compaixão, não podia esquecer o que acontecera no passado.

- Não me lembro... - Ela havia chorado, revelando um pânico tocante.
Mas, até que ela se lembrasse, nenhum dos dois poderia superar o passado... ou dar por encerrado o casamento.

Capítulo 7

Como se sente agora?

Bem - Annie respondeu apressada, evitando encará-lo enquanto se debruçava sobre a mesa da cozinha para servir-se de mais uma xícara de café.

Estava naquela casa há três dias. Quase setenta e duas horas completas. Tempo demais, em sua opinião. Passara as primeiras vinte e quatro horas dormindo, mas depois de recuperar-se do choque provocado pelo acidente com a chaleira, envergonhava-se do próprio desequilíbrio.

Era hora de voltar para casa. Queria ir para casa. Precisava ir para casa. Acordar na cama de Dominic despertara emoções que não ousava analisar.

Não sentia nada por ele. Apenas raiva pela maneira como a tratara. Mas o homem cuidara dela!

- Não estou com fome - protestara naquela primeira noite, quando acordara e o viu parado ao lado da cama com uma bandeja de comida.

- Coma. - Apesar do tom seco, a atitude preocupada tocara um ponto muito sensível em meio a um emaranhado de emoções intensas, e mais tarde as lágrimas salgadas haviam se misturado à sopa que Dominic servira.

- Este quarto é seu - Annie havia protestado quando ele fora buscar a bandeja.

- Nosso. Mas não se incomode com isso. Não pretendo fazer valer meus direitos de marido. Preparei uma cama para mim em um dos quartos de hóspedes. Determinada, Annie decidiu impor a própria vontade antes que fosse tarde demais.

- Na verdade, sinto-me tão bem que acho que é hora de ir para casa e...

- De jeito nenhum. Ainda temos muitos assuntos a resolver.

- Eu... tenho coisas para fazer. Meu jardim, minha casa... Os vizinhos já devem estar intrigados com minha ausência. - Não precisa se preocupar com nada. Já expliquei a situação aos seus vizinhos. Quanto ao jardim, posso telefonar para a empresa de paisagismo que cuida do meu e pedir...

- Espere um minuto! - Annie o interrompeu. - Disse que explicou a situação? - perguntou, o coração batendo acelerado por conta da tensão.

- Sim, contei a eles sobre o acidente com a chaleira de água fervente e expliquei que, como minha esposa... - Sua esposa! Disse a eles que somos casados... - A explosão furiosa foi tão intensa quanto incontrolável.

- Por que não? É verdade! - Dominic argumentou com tom calmo.

- Mas vamos nos divorciar. Você não tinha o direito de fazer tal coisa. Não quero que...

- Não quer que as pessoas saibam que sou seu marido? Ela balançou a cabeça. Como poderia explicar que detestava a curiosidade de que seria alvo quando as pessoas soubessem que tinha um marido de quem nem conseguia se lembrar?

- Você não tinha o direito... - repetiu, levantando-se e dando alguns passos pela cozinha antes de anunciar: - Quero ir para casa, Dominic. Quero ir agora.

= Esta é sua casa. O imóvel pertence a nós dois desde que nos casamos, e esta é uma das razões pelas quais não consegui vendê-lo. Sem a sua assinatura no documento...

- Estou disposta a assinar qualquer coisa. Pode ficar com a casa. Não quero... Não posso ficar aqui.

- Por que não? Do que tem tanto medo?

- Não tenho medo de nada - respondeu apressada, encarando-o para ser mais convincente.

- Está me tratando como se eu fosse seu adversário, Annie. Um inimigo. E não sou um oponente. Tudo que quero é...

- Eu sei o que quer - ela o interrompeu. - Quer que eu recupere a memória para que possa explicar por que o deixei. Acha que não quero me lembrar do passado? Imagina que esto u mentindo, ou fingindo? Tem idéia do que senti quando disse que somos casados... que construí uma vida e vivi um amor com um homem que... - Parou ao sentir o peso das próprias emoções ameaçando esmagá-la. - É evidente que quero lembrar. Mas não consigo.

- Talvez não possa lembrar o passado sozinha. Mas com minha ajuda...

- Sua ajuda? O que acha que pode fazer?

- Estive a seu lado nesse período de vida que sua memória não consegue resgatar. E me lembro de cada momento, de cada detalhe. Lembro-me de tudo que fizemos... absolutamente tudo... e creio que devemos reviver esses momentos... inseri-los novamente em sua vida... talvez assim sua memória recupere os dados que...

- Dominic, espere um minuto! O que quer dizer com reviver esses momentos? - O que ele sugeria era ridículo, algo com que não poderia concordar, mas de que ele parecia estar certo.

- Não precisa olhar para mim desse jeito. Não sou nenhum perverso que sente prazer em fazer sexo com uma mulher relutante. Estou propondo um retorno ao passado sem o elemento sexual do relacionamento. Afinal, esta parte você não esqueceu, não é? - provocou sorrindo.

Vermelha, Annie engoliu as palavras zangadas que bailavam em seus lábios. Ele se referia aos sonhos, e não podia negar as afirmações... por mais que quisesse.

- Não vai dar certo - disse.

- Não pode ter certeza de, nada sem antes tentar. E você tem o dever de experimentar todas as alternativas. Incapaz de responder, Annie virou-se de costas, reconhecendo que o que ele dizia era verdade. Afinal, ela mesma dissera que seria capaz de qualquer coisa para recuperar a memória.

- Muito bem - concordou relutante. - Mas não preciso ficar aqui para...

- Precisa - Dominic cortou enfático. - Afinal, foi aqui que vivemos juntos.

- Antes de nos casarmos?

- Sim, antes do casamento. Por que está tão surpresa? Éramos amantes. Não havia motivo para vivermos separados.

Não, mas Annie estava chocada com a revelação.

- Escute - Dominic prosseguiu -, vivemos juntos por dois meses. Tudo que estou pedindo é que me dê esse mesmo período novamente. Dois meses. Se nesse tempo não conseguir lembrar nada, então admitirei a derrota e...

- E cuidaremos do nosso divórcio - Annie colocou com tom neutro.

- Sim - ele concordou com frieza.

Annie sabia que devia apontar que o divórcio seria inevitável. De que adiantaria adiar o que certamente acabaria acontecendo? Mas havia uma razão para isso, e sabia qual era. O orgulho ferido. Dominic fora atingido em sua vaidade de homem quando ela o abandonara. Queria uma explicação, uma razão, e estava disposto a obtê-la de qualquer maneira. Seus motivos para desejar lembrar o próprio passado eram mais complexos. Sonhara com Dominic como seu amante; o corpo se lembrava dele nesse papel. Antes de saber sobre o casamento, sobre o passado em comum, sentira uma necessidade quase incontrolável de estar perto dele, um sentimento que conseguira tocar e reconhecer através das portas trancadas da memória. Então, por que o deixara? A incapacidade de lembrar provocava a sensação de ter perdido parte de si mesma, um sentimento que ameaça despertar a insegurança que conhecera na infância, depois de ter sido abandonada. Mas dessa vez havia sido ela quem cometera o ato do abandono. Por quê? Tinha de descobrir.

- O quê? - Helena reagiu com espanto.

Annie havia telefonado para a médica e amiga a fim de informá-la sobre sua intenção.

- Dominic acredita que nenhum de nós poderá seguir em frente enquanto eu não me lembrar do passado. E dele. - Sim, ele tem razão - Helena reconheceu, apesar da apreensão.

- E se está mesmo disposta a agir dessa maneira...

A vontade de dizer que não queria fazer nada daquilo era imensa, mas Annie conseguiu conter-se. Dominic era um homem determinado e dominador, e nem mesmo a médica seria capaz de movê-lo de seu propósito. Estava tentando convencer-se de que os próximos dois meses seriam como os incômodos tratamentos que fora submetida no hospital. O resultado foral compensaria todo o sofrimento.

- Bem, devo admitir que fico feliz por não estar vivendo sozinha. Este é um momento muito traumático, Annie, e por maior que seja sua sede de independência, por mais que eu entenda essa sua necessidade, este não é um bom período para viver sozinha. Devo deduzir que a decisão de entrar com o pedido de divórcio foi adiada?

- Por enquanto - Annie confessou. - Mas vamos retomar a idéia em breve.

Em breve. Dentro de dois meses. Parecia um tempo justo para a enormidade da empreitada a que se dispusera, mas, três dias mais tarde, Annie já começava a arrepender-se por ter aceito e concordado com os planos de Dominic.

Ele e Helena estavam sempre dizendo que não devia se esforçar demais, que ainda não estava completamente recuperada, e Annie tinha a impressão de que o tempo custaria muito a passar. Dominic vivia tão ocupado que quase nem o via, uma circunstância pela qual devia ser grata, mas que a incomodava. Sentia-se cansada, indisposta e com constantes dores de cabeça, e sabia que o quadro era causado tanto, pela dificuldade para dormir quanto por tudo que vivia naquele momento. Recusava-se a mergulhar num sono profundo e reparador porque temia sonhar com Dominic.

Dominic!

Viver ali com ele causava uma tensão crescente e poderosa, e não só por causa do passado em comum. Pensar nele era o bastante para provocar arrepios e tremores que dominavam todo seu corpo. A consciência física que tinha dele era intensa demais para que se sentisse confortável. Estava vulnerável. Sim, era isso. Acabara de admitir o que havia tentado ignorar e negar durante os últimos dias. Expusera o medo. Fisicamente, queria... precisava... Fechando os olhos, tentou organizar os pensamentos caóticos. Estava quente ali no jardim, com o sol banhando seu rosto. Dominic trabalhava, e ela estava sozinha. Uma abelha sobrevoou as rosas no canteiro próximo.

Rosas. Podia sentir o perfume. Por trás das pálpebras cerradas, via imagens cintilantes e rápidas; rosas aquecidas pelo sol, abertas, espalhando um aroma que não conseguia superar o do homem deitado a seu lado. Podia ver as mãos dele, os dedos tocando as pétalas de uma flor.

- Não a tire daí - sussurrava para ele. - Ela viverá por mais tempo se permanecer na roseira.
- Você é tão doce...

O som indulgente da voz ecoava em seus ouvidos como se ouvisse o mar no interior de uma concha, reconhecível, porém distante.

Podia sentir o hálito em sua pele, na boca, e prendeu o fôlego esperando pelo beijo.

Os lábios roçaram os dela. Sentia as mãos subindo seus braços, segurando os ombros. Num movimento instintivo, aproximou-se dele enquanto entreabria os lábios para tornar o beijo mais íntimo.

O corpo todo tremia e um gemido de prazer escapou de sua garganta.

- Dominic...

Annie abriu os olhos. O calor e a sensação de bem-estar deram lugar ao frio da tensão. Uma fina camada de suor cobria sua testa.

O que estava acontecendo? Teria enlouquecido, ou vivera apenas um lampejo do passado, como se as lembranças comessem a se aproximar da consciência? Teriam realmente trocado beijos naquele jardim? Annie?

Ao ouvir a voz de Dominic, ela tentou compor-se, mas a expressão traía os sentimentos mais íntimos.

- O que aconteceu? Está sentindo alguma coisa? Ele era uma figura imponente no terno formal sobre a camisa branca. Viril, atraente, poderoso... Ou seriam suas lembranças que projetavam a imagem de perfeição? Lembranças... Automaticamente, fechou os olhos mais uma vez. - Acho... que acabei de me lembrar de alguma coisa - admitiu.

Por que dissera tal coisa? Não tinha importância. Era tarde demais para lamentar o impulso. Dominic estava a seu lado, tocando seu braço.

- Lembrou? O quê?

- Não foi nada. Nada importante - mentiu, incapaz de descrever a experiência sensual.

- Está mentindo. Fale, Annie. Eu tenho o direito de saber.

Ela engoliu em seco. Sentia-se tonta e desorientada... por causa do calor, ou da emoção que acabara de viver? Sabia que estava tremendo.

- Desculpe. - Dominic sentira o tremor sob suas mãos. - Não queria soar tão agressivo.

O pedido de desculpas superou a barreira da resistência. Hesitante, começou um relato confuso.

- Foram as rosas... Senti o perfume, e então... - Parou e fitou-o, sem se dar conta da apreensão que cintilava em seus olhos. - Houve algum dia em que... nós...

Dominic sabia o que ela queria perguntar.

- Você sempre gostou muito desta parte do jardim - disse. - Costumava vir para cá com frequência e... - Parou e desviou os olhos dos dela. - Sei que tudo isso deve ser muito difícil e doloroso, mas ao contrário de você, não esqueci um único segundo do tempo em que vivemos juntos e... - Mais uma vez, interrompeu o discurso e soltou-a.

Era estranho, mas sentia falta do calor do contato. Impelida pelo instinto, estendeu a mão e surpreendeu-se ao vê-lo segurá-la, entrelaçando os dedos nos seus e olhando para as mãos unidas enquanto continuava:

- Não sou totalmente imune às lembranças daquele tempo. Foi aqui, exatamente neste lugar, que eu disse que queria gravar sua imagem em minha mente para levá-la comigo quando partisse, e foi aqui que...

- Nós nos beijamos. E você disse que minha pele era mais perfumada que as rosas - Annie concluiu com tom solene.

- Sim.

-Eu... acabei de me lembrar disso... quando você falou sobre gravar minha imagem. Antes só sabia que havíamos nos beijado.

- Sim, trocamos muitos beijos neste lugar e... Meu Deus... De repente estavam abraçados, trocando um beijo ardente, algo que ia muito além de uma simples recordação.

Devia detê-lo, mas tudo que conseguia era beijá-lo com a mesma avidez que sentia em seus lábios. O homem que ameaçava destruir seu controle emocional não era mais um sonho, uma imaginação. Por isso mesmo exercia efeito ainda mais perigoso sobre seus sentidos. Por que reagia de maneira tão estranha? Por que o desejava com tanto ardor? Por causa das lembranças que acabara de recuperar?

- Dominic... Oh, Dominic!

Nem sabia que estava pronunciando seu nome. Só tomou consciência da própria voz quando ouviu a resposta embargada,

- Sim... Estou aqui.

Os corpos se tocaram e as bocas buscaram-se como se ainda fossem amantes em realidade.

Algumas coisas não podiam ser esquecidas ou apagadas. Sentimentos... necessidades...

Annie sentia o coração batendo acelerado e abria as pernas para acomodar a rigidez de uma coxa musculosa. O prazer era tão intenso, que ela suspirou.

Logo ele beijaria seu pescoço. Depois os seios, afastando as roupas para que pudesse saborear sua pele... Diria que sua beleza não podia ser comparada a nenhuma outra em todo o universo, e seu corpo clamaria pela satisfação que só aquele homem poderia proporcionar. Depois...

- Não! - Tomada pelo pânico, ela interrompeu o beijo e recuou.

Por um segundo trocaram um olhar carregado de angústia e surpresa. Depois, como se fossem regidos por um maestro invisível, buscaram proteção nos esconderijos imaginários onde julgavam poder ocultar os verdadeiros sentimentos.

- Não devia ter feito isso - ela começou.

- E você não devia ter permitido que isso acontecesse. Permitir! Bem, pelo menos ele não dissera que não devia ter correspondido e até incentivado.

Estava cansada e com frio. Como se sentisse seu desconforto, Dominic respirou fundo e disse:

- Escute, sei que tudo isso é muito difícil para você. Mas também não é fácil para mim.

- Imagino que não. Mas ao menos pode lembrar o que vivemos juntos. - Lágrimas enchiam seus olhos e a voz se tornava rouca, traindo a frustração de não poder compreender os próprios sentimentos. - Voltou mais cedo do que eu esperava - disse, mudando de assunto.

- A tarde está tão agradável, que imaginei que gostaria de sair. Mas se não se sente bem...
- Estou ótima - mentiu. Ainda experimentava a tontura e a desorientação de antes, mas não sabia o que causava o mal-estar. As lembranças nítidas do passado, ou o que acabara de experimentar nos braços do homem que dizia ser seu marido? Não queria descobrir a resposta. Francamente, temia o que teria de confrontar.

- Agora que começou a recuperar algumas recordações, talvez deva tentar lembrar outras coisas - Dominic sugeriu. - O que quer dizer? - Se estava insinuando que um novo beijo poderia despertar novas recordações, não hesitaria em recusar a idéia com firmeza.

- Pensei em levá-la para um passeio de carro. Podemos ir a alguns lugares que visitamos quando estávamos... juntos. Talvez assim consiga recuperar mais alguns fragmentos de memória.

- Acha mesmo? Bem, não creio que um passeio possa me prejudicar - admitiu curiosa. Não sabia se gostava da sugestão de Dominic, mas de uma coisa tinha certeza: faria qualquer coisa para escapar da atmosfera de intimidade do jardim.

Sabia que não havia nenhuma lembrança associada ao carro de Dominic, porque aquele era um modelo novo e... - Que tipo de carro você possuía? - perguntou com tom curioso enquanto prendia o cinto de segurança.

O BMW deixou a garagem com suavidade impressionante. O motor era tão silencioso que os passageiros quase nem podiam ouvi-lo.

- Antes deste?

- Não. Sim. Quero dizer... no passado. - Quando nos conhecemos?

Ela assentiu.

- Não consegue lembrar?

Annie começou a balançar a cabeça, mas a imagem de um veículo utilitário passou por sua mente. Um jipe, talvez? A pintura verde estava coberta de barro e riscada. - Era um... Não. Não consigo lembrar.

Dominic sentiu que ela havia recordado alguma coisa. Por isso decidiu testá-la.

- Era um modelo esportivo com dois assentos. Vermelho. - O quê?

- Parece surpresa. Que tipo de carro esperava que eu tivesse?

-Eu... não sei. Pensei em um jipe. Ou um Land Rover. - Um Range Rover - ele a corrigiu. - Verde escuro. Estavam atravessando a cidade, e Dominic passou pela praça central e estacionou o carro em uma vaga bem perto dela.

- Venha. Vamos caminhar um pouco.

- E então? - ele indagou meia hora mais tarde, segurando a mão dela enquanto passavam mais uma vez pela rua estreita onde afirmava tê-la conhecido.

- Não. Nada. Não consigo lembrar. - Ao ver a decepção em seu rosto, sentiu que as lágrimas ameaçavam vencê-la mais uma vez. - Acha que é fácil para mim? Sonhei com você - disse aflita. - Pensei que fosse apenas uma imagem criada pela minha imaginação. Um amante de conto-de-fadas. Mas isto não é um sonho, é um pesadelo horrível e insuportável que não posso mais suportar! Não quero...

- Como também não me quer?

O tom grave e contido teve o poder de silenciá-la. Não ousava encará-lo.

- Isso não vai dar certo - murmurou.

Um jovem casal caminhava na direção deles, a moça aninhada no ombro do rapaz. Os dois andavam abraçados, e pouco antes de alcançá-los pararam para um beijo. Primeiro apenas um simples roçar de lábios. Depois uma demonstração pública de paixão e desejo. A garota

foi a primeira a afastar-se, sorrindo. Annie não conseguia deixar de olhar para o casal. O riso jovial ecoava em sua mente provocando uma estranha tontura.

- Annie?

Ouviu Dominic repetindo seu nome e fez um enorme esforço para fitá-lo, desviando os olhos dos dois jovens. - Estou cansada - disse. - Quero ir para casa. Para sua surpresa, ele não insistiu para que ficassem nem fez qualquer comentário. Em silêncio, levou-a ao local onde estacionara o automóvel e dirigiu compenetrado até um pequeno pub nos arredores da cidade onde ela já havia estado algumas vezes com Helena e Bob. A comida era esplêndida, o ambiente, muito agradável, mas sabia que nunca estivera ali com Dominic, porque o restaurante havia sido inaugurado há dois ou três anos. - Nunca estivemos aqui - afirmou categórica.

- Não. Mas precisamos comer, e achei que seria bom passarmos algum tempo em território neutro.

Queria dizer que não estava com fome, mas de repente percebeu que começava a recuperar o apetite.

A refeição e as duas taças de vinho a ajudaram a relaxar. Na verdade, havia relaxado até demais, ela percebeu mais tarde, compreendendo que havia adormecido durante a viagem de volta para casa.

- Sente-se bem? - Dominic indagou ao vê-la abrir os olhos.

Não sabia se era o tom divertido, ou o ar indulgente de um adulto lidando com uma criança especialmente difícil, mas a atitude de superioridade a irritava.

- Estou muito bem - respondeu ríspida, acomodando-se melhor no assento. - Duas taças de vinho não me transformam em uma... bêbada.

- Não. Mas ainda me lembro de como o vinho é capaz de dissolver suas inibições e transformá-la em uma mulher amorosa e quente que...

- Pare! - Não precisava de ajuda para sentir-se ainda mais vulnerável. Perturbada, saltou do carro e correu para a porta da frente da casa.

Estava tentando abri-la quando ele a alcançou. - Desculpe. Não devia ter dito aquilo.

- Tem razão - ela concordou, respirando fundo a fim de acalmar-se. Tinha de ser justa.

Sabia que ele só queria ajudá-la. - Sei que está ansioso para que eu recupere a memória, mas se acha que vai precipitar alguma coisa com comentários picantes sobre episódios que eu nem sei se vivi realmente... Não é assim que vai me ajudar a reativar a memória.

Dominic abriu a porta e esperou que ela entrasse antes de responder:

- Quem disse que era sua memória que eu queria reativar?

Ele também havia bebido. Sim, isso explicava o comportamento absurdo e inconveniente. Mesmo que houvesse consumido apenas um copo e fosse mais resistente, o álcool o afetara de alguma forma. Ainda se lembrava de como ele a incentivava a terminar a primeira taça enquanto ele... Annie parou no hall. Ainda se lembrava... Devagar, caminhou até a cozinha, onde Dominic enchia uma chaleira com água e pegava duas xícaras no armário.

- Tudo bem, já sei que não devia ter dito aquilo, mas... - Ao virar-se e ver o rosto pálido e assustado, deixou as xícaras sobre a mesa e correu ao encontro dela, temendo ter de ampará-la. - O que foi? O que aconteceu?

- Não sei. Eu... Bem, eu me lembrei de que você sempre tomava duas taças de vinho antes de eu terminar a primeira. Pude vê-lo... ouvi-lo... Foi quase como se estivesse vivendo novamente a mesma cena. Sei que não é muito, mas...

- Não, não! Não deve ficar desapontada. Já é um bom começo.

- Sim, é um começo...

Sabia que poderia lembrar muito mais se ele a ajudasse, e estava começando a pensar que talvez... Bem, podia pedir ajuda, ou... A cabeça começava a doer. Seria efeito do vinho? Preferia que Dominic não fosse tão generoso e compreensivo. Sentia-se mais a vontade para enfrentá-lo quando ele a hostilizava, quando usava as palavras para agredi-la. Assim... Assim podia fingir que não percebia a excitação, a saudade e a simpatia que começavam a crescer em seu peito. Não. Estava apenas confusa. Sabia que haviam vivido juntos, que haviam sido amantes, e essa certeza provocava reações conflituosas. Mas isso havia acontecido no passado. E o passado estava enterrado em algum recanto sombrio da memória. O passado, quando o abandonara a dera as costas para o amor.

- Estou cansada - disse. - Acho que vou para a cama. Dominic a viu sair da cozinha e respirou fundo. Ela parecia tão vulnerável, tão perdida e triste... Queria correr atrás dela, abraçá-la e dizer que o passado não importava, que podiam... Podiam o quê? Recomeçar do nada? Em que estava pensando? Só porque podia vislumbrar a garota que um dia ela fora... porque quando a beijara ela correspondera... porque se lembrara do beijo... Mas não era aquela garota que despertava remorso e ternura no presente. Então, ainda tinha algum sentimento por ela. Ainda reagia a sua presença. Ainda a queria. E daí? Tinha o direito de ser humano, não? Além do mais, nada disso significava... Não. Não estava apaixonado pela própria esposa novamente. E dessa vez ela era uma mulher, não uma garota, como no passado.

O café tinha um sabor amargo. Irritado, deixou a xícara sobre a pia e desistiu da bebida forte e quente. Apreciava seu café sempre mais aromático e saboroso, mas àquela hora da noite... Não queria sofrer os efeitos da ingestão de um estimulante tão poderoso. Insônia, excitação...

Não. Francamente, não precisava do café para ficar ainda mais excitado.

Capítulo 8

Annie olhou para a janela através do quarto escuro e depois para o relógio digital. Passava das duas da manhã e estava acordada há mais de uma hora, os pensamentos se chocando numa tormenta interminável que não a levava a lugar nenhum.

Os fragmentos de memória que havia recuperado a perturbavam, porque não conseguia compreender seu verdadeiro significado.

Em algum lugar do inconsciente estava a resposta que ela e Dominic buscavam com desespero. Mas não conseguia descobri-la. As recordações breves do casamento só reforçavam o que os sonhos já haviam revelado: o corpo clamava por ele como amante, e qualquer que fosse o motivo que a levara a deixá-lo, não fora forte ou importante o bastante para destruir o desejo.

Desejo?

Impaciente, empurrou as cobertas e levantou-se. Não conseguiria dormir. Era melhor descer e preparar o chá quente que a garganta pedia.

Um sorriso distendeu seus lábios quando vestiu o robe de algodão, presente de Bob e Helena, uma espécie de piada particular da qual haviam rido muito depois de ter visto a peça em uma vitrine e comentado com os amigos. O tecido branco tinha estampas de pequeninos corações negros com mensagens breves. Por alguma razão, o robe chamara sua atenção. Era quase infantil, curto e simples, e mesmo assim o adorava.

Na escada, parou para admirar a balaustrada, deslizando os dedos pela madeira polida. Os longos meses de recuperação haviam sido um tempo de leitura e aprendizado... de reflexão

que servira para alargar seus horizontes em todas as direções. A menina insegura que fora, o ser defendido e preocupado com a possibilidade de ser rejeitada por causa de um passado solitário, tornara-se uma mulher confiante e firme.

Ainda doía saber que a mãe a abandonara e que jamais saberia quem foram seus pais. Mas o amor e o respeito que existiam entre ela e Helena, o relacionamento próximo e sincero que haviam construído, serviram para comprovar que podia ser valorizada pelo que era.

No orfanato onde crescera sempre fora quieta e retraída demais para fazer muitas amizades, ou para atrair e encantar os casais que lá iam buscar uma criança para adotar.

Annie continuou descendo a escada e parou ao lembrar um incidente particularmente doloroso da infância. Devia ter cerca de quatro anos e dividia com outra menina a predileção de um casal que havia visitado o orfanato diversas vezes. Havia esperado que eles a escolhessem, mas, tímida, não expressara seus sentimentos com palavras quando eles a levaram para passear, preferindo orar em silêncio pela adoção. Então, certo dia, eles visitaram o orfanato com um casal mais velho, pais de um deles, agora compreendia. Estava parada na porta, esperando ser chamada para ir vê-los, quando ouvira uma conversa entre o grupo de adultos.

- Gosto de Annie - dissera a jovem esposa. - Ela é tão doce e graciosa!

- Annie? - Protestara a mais velha. - Não é aquela menina que foi abandonada? Não creio que deva escolhê-la, Elaine. Não tem a menor idéia sobre suas origens, a não ser... Bem, as circunstâncias são claras, não? Que tipo de pessoa abandonaria a própria filha? Sabe o que dizem sobre a herança sangüínea. Minha mãe vivia repetindo que uma árvore boa não dá frutos podres, e a recíproca deve ser verdadeira. Não. Em seu lugar, eu escolheria a menina de cabelos mais escuros. Pelo menos conhece seu passado e sabe de onde ela veio.

Como em qualquer sociedade estruturada, havia uma hierarquia no orfanato, uma ordem estabelecida, e Annie sempre soubera que era diferente dos outros, porque ninguém sabia quem era ou de onde saía. Fora encontrada por uma mulher idosa no banheiro de uma movimentada estação ferroviária da cidade, e apesar de todo o esforço das autoridades para que alguém a reconhecesse e reclamasse, ninguém atendera aos anúncios divulgados em todos os meios de comunicação. E naquele momento soubera porquê. Tinha sangue ruim! Era fruto de uma árvore podre!

Depois de preparar o chá, voltou ao corredor e parou ao passar pela sala de estar.

Havia sido ali que ela e Dominic passaram noites abraçados, lendo, conversando...

Trêmula, entrou na sala e caminhou até a poltrona ao lado do sofá. Deixou a xícara sobre a mesa ao lado dela e sentou-se, olhando para o sofá como se ali pudesse encontrar todas as respostas.

O que procurava? Uma imagem do passado?

Prendia o fôlego, esperando ver alguma coisa, talvez lembrar algum detalhe... Mas as recordações vagas já se dissolviam sem se transformarem em dados mais concretos.

Era irritante, como se a memória fizesse um jogo com o propósito deliberado de atormentá-la, transmitindo informações suficientes para guiá-la em alguma direção, mas sem oferecer nada mais substancial.

Havia um bloco de anotações e uma caneta sobre a mesa, e ela seguiu o impulso de pegá-los, cruzando as pernas enquanto rabiscava ao acaso.

Árvores de galhos finos, sem folhas... uma casa pequenina, quadrada, com janelas protegidas por cortinas e uma coluna de fumaça brotando da chaminé. Ela acrescentou um jardim e uma cerca que delimitava todo o terreno. Não precisava de muita imaginação para saber o que aquilo representava. Mas e o rio que também havia desenhado? E o carro? Um

veículo grande e forte, não muito diferente de um jipe com proporções exageradas... O Range Rover de Dominic?

- Pense, pense... - Murmurou para si mesma. - Faça um esforço.

Começou a escrever. O nome de Dominic, percebeu, com pequenos corações no lugar dos pingos dos "is". Por que fizera aquilo? Escreveu a palavra casamento e, sob ela, uma lista de outras palavras, a caneta adquirindo velocidade na medida em que deixava os pensamentos fluírem livres.

Quando parou, estava ofegante como se houvesse praticado algum exercício físico. A pulsação também havia se tornado mais rápida.

Nervosa, estudou a lista.

Amor. Confiança. Respeito. Companheirismo. Aceitação. Dominic.

Lágrimas corriam por seu rosto.

Dominic olhou para o relógio digital e suspirou. Acordara repentinamente, sentindo-se alerta e consciente como se fossem oito horas da manhã. E ainda eram pouco mais de três.

Sabia que não conseguiria voltar a dormir. Era melhor aproveitar o tempo para trabalhar. Decidido, levantou-se e vestiu o robe.

Annie estava tão concentrada na lista, que só percebeu a presença de Dominic quando ele já estava na sala. Constrangida, sentiu o rosto quente e soube que estava vermelha.

- Não conseguia dormir -: disse. - Desci para preparar um chá...

- Humm... Aconteceu o mesmo comigo - ele respondeu, aproximando-se para examinar o bloco sobre seus joelhos. - O que está fazendo?

- Nada. Pensei em escrever tudo que passasse por minha cabeça, porque assim talvez...

- Posso ver o que escreveu? - Dominic sentou-se no sofá.

Relutante, ela entregou o bloco.

- Nem sei por que fiz isso. Foi uma idéia tola e... O que foi? - Por que ele estava tão concentrado, como se naquele papel houvesse um segredo de estado?

- Nada. Ou melhor, são os corações sobre os "is". Como esses em seu robe - acrescentou, apontando uma similaridade que ela não havia notado. - Era assim que você costumava escrever meu nome. Dizia que os corações eram os nossos.

A atmosfera de intimidade só podia ser consequência do silêncio da madrugada. Mesmo assim, sentiu-se com coragem para perguntar:

- O que aconteceu de errado conosco? Por que não conseguimos... - E parou. - As vezes tenho a sensação de que meu destino é conviver com perguntas sem respostas, com espaços vazios.

- Está falando de seus pais?

- Vivo me perguntando se minha mãe ainda pensa em mim. Se algum dia pensou em mim.

A confissão sincera tocou os sentimentos de Dominic de maneira inesperada. Corria o risco de reagir como se ainda a amasse, mas não podia ser egoísta a ponto de pensar em si mesmo. Não diante de todo o sofrimento estampado no rosto dela.

- Tenho certeza de que ela sempre pensou em você. Sempre havia imaginado que a mãe de Annie era apenas uma garota assustada quando abandonara o bebê, uma menina imatura e apavorada - demais para contar a alguém que tivera uma filha. Com o passar dos anos .e a maturidade, ela devia ter sofrido muito com a lembrança do bebê que deixara em um banheiro público. - Jamais poderia fazer tal coisa com um filho - ela comentou emocionada.

- Nunca. Quaisquer que fossem as circunstâncias. Por nada, nem por ninguém... - Parou e respirou fundo. O que provocara uma explosão tão forte? Precisava manter a calma, ou não

encontraria as respostas que buscava. - Como foi nosso casamento? Talvez possa me ajudar a lembrar. Não sei...

- Foi muito bom. De fato, foi mais que bom, Annie. Foi... foi...

A dor e o sofrimento causado pelas lembranças eram tão evidentes em seus olhos, que Annie não conseguiu esconder o pesar, o remorso que sentia.

- Oh, Dominic, eu...

De repente estavam abraçados, trocando beijos e carícias carregados de emoções que nenhum dos dois saberia explicar. Annie não tinha forças nem vontade para resistir, e por isso deixou-se tomar nos braços para ser acomodada sobre seus joelhos. Havia tanta ternura na mão que alisava seus cabelos! Podiam ter feito amor centenas de vezes antes, mas aquilo era diferente, especial; a que sentiam, o que compartilhavam nesse momento não era apenas um redespertar de antigas paixões.

O homem que a tocava e acariciava não era produto de sua imaginação, nem era o marido que abandonara no passado. Aquele era o homem em que ele se transformara.

Abriu os olhos e viu que Dominic a observava. O tempo parecia ter parado. Nenhum som, nenhum movimento, nem mesmo o ruído da respiração de um deles perturbava a comunicação silenciosa.

Devagar, ele inclinou a cabeça para beijá-la. Um beijo lento, doce e quente. As carícias eram tão sensuais, que Annie não conseguia conter os tremores que a sacudiam. Um suspiro profundo rompeu o silêncio quando uma das mãos começou a deslizar por seu corpo, explorando as curvas nuas sob o robe fino.

Dominic podia sentir cada resposta provocada por seus dedos. Cada pequeno arrepio, cada pulsar das veias... E também conseguia visualizar com perfeição o corpo sob o robe.

O que havia começado como uma simples tentativa de provar que haviam sido felizes juntos logo transformou-se em algo mais potente e perigoso, algo enraizado no presente, algo que desafiava a razão e o controle. A mulher que beijava, abraçava, acariciava... a mulher que desejava... não era a garota com quem se casara. A mulher que tocava e por quem ardia era alguém em quem ela se transformara, e a intensidade de seu desejo tornava pálidas as lembranças de como havia sido entre eles.

Conhecia o perigo que corria. Não podia continuar negando a realidade. Estava apaixonado por ela mais uma vez, abusando do poder conferido pelo papel que desempenhava na vida dela, tirando proveito de alguém que, indefesa e vulnerável, suplicava por sua ajuda.

Tinha de parar antes que fosse tarde demais.

Annie sentiu a perda e a confusão provocadas pelo afastamento de Dominic. Ele arfava, e podia sentir seu coração batendo num ritmo frenético.

- Não devemos continuar - ele tentou explicar. - Isto não é... Estamos brincando com fogo, Annie. Nada seria mais fácil do que levá-la para a cama agora e...

A humilhação causava um rubor que queimava seu rosto. Gostaria de poder desmenti-lo, mas era impossível negar a afirmação direta e objetiva. Qual era o problema com ela? O que fora feito de seu orgulho? Por que se atirava em seus braços e implorava por suas carícias?

- Tem razão - concordou, tentando salvar o que ainda restava de sua dignidade. - Para ser honesta - continuou com falsa indiferença -, não creio que seja importante saber por que nosso casamento acabou. Mesmo que eu me lembrasse, isso não mudaria nada. Talvez seja melhor pedirmos o divórcio.

O que ela faria se confessasse sua paixão e dissesse que não queria o divórcio?

De repente compreendia que a urgência de entender o que a levava a abandoná-lo não era provocada pelo desejo de pôr um ponto final no casamento e enterrar o passado. Queria saber o que havia acontecido para reparar seu erro e tentar reconstruir uma vida ao lado dela. Não era no passado que estava interessado, mas no presente e no futuro que ainda poderiam ter juntos.

- Melhor para quem? - perguntou irritado, sentindo que a fina malha de suas esperanças era esgarçada pelas garras afiadas da realidade. - Não para mim. Ainda preciso ouvir algumas respostas, Annie, e enquanto não puder ouvi-las... - Parou e respirou fundo. - Escute, isso não vai nos levar a lugar algum. Estou certo de que poderemos discutir o assunto com mais clareza depois de algumas horas de sono.

Sabia que ele tinha razão, e por isso concordou com a sugestão em silêncio, limitando-se a um breve movimento afirmativo de cabeça.

No entanto, meia hora mais tarde, enquanto 'ainda esperava pelo sono que traria o alívio, Annie chorou ao lembrar a proximidade de que haviam compartilhado pouco antes, a intimidade que Dominic destruíra. Teria sido assim no passado? Teriam sentido um amor intenso o bastante para que o resto do mundo perdesse a importância?

Tomada por um sentimento de perda e por uma enorme solidão, chorou pelo amor que ela e Dominic haviam de alguma forma destruído.

- Repita. Tudo, por favor, desde o início. Desde que nos conhecemos.

Dominic suspirou, estudando o rosto pálido de Annie. Tratavam-se com reserva cautelosa desde a noite em que quase cedera à tentação de fazer amor com ela, e sofria ao ver o esforço que Annie fazia para tentar recuperar a memória.

Estavam caminhando pela margem do rio, e de repente Annie deixou escapar um grito quando um jovem casal em bicicletas se aproximou por trás deles, fazendo soar suas buzinas e causando um susto tão grande que ela quase perdeu o equilíbrio.

Dominic respondeu de forma automática, estendendo as mãos para ampará-la.

- Tudo bem? - perguntou preocupado.

- Foi só um susto. - Por mais que se esforçasse, não conseguia disfarçar o tremor que fazia os dentes se chocarem. - Disse que nos conhecemos quando?

- Você não está bem. Acho que...

- Não estou interessada no que você acha - Annie interrompeu descontrolada. - Só quero descobrir por que o deixei e segui em frente com minha vida.

A preocupação de Dominic aumentou. Se não interferisse, Annie continuaria se esforçando para recuperar a memória até que a pressão a fizesse adoecer.

Todos os dias, várias vezes, ela insistia para que contasse a história do relacionamento, exigindo todos os detalhes e ouvindo com desespero crescente na medida em que os relatos não provocavam o retorno das lembranças.

Estava tão cansada, tão abalada e nervosa, que um simples susto era o suficiente para disparar uma reação intensa composta por tremores e lágrimas.

Ele tentou confortá-la.

- Não se torture dessa maneira - disse, estendendo os braços em sua direção.

Annie ficou tensa ao sentir-se abraçada: Cada contato, por menor que fosse, despertava o desejo que era como uma tortura. Queria Dominic... Amava-o com todas as forças... Como poderia negar?

- Não - protestou.

Mas era tarde demais. Os lábios tocaram os dela, e foi impossível permanecer indiferente. O beijo podia ser terno como o de um casal de namorados, mas não devia deixá-lo

adivinhar seus sentimentos. O orgulho não permitiria. Foi desse pensamento que tirou forças para empurrá-lo. Ao virar-se para fugir, o mundo perdeu as cores e tudo começou a girar com velocidade espantosa.

- Annie... - Ouvia a voz dele, reconhecia a ansiedade e a preocupação, mas não conseguia responder. Penetrara em outra dimensão, em um mundo distante... Lembrou outra ocasião em que passara pela margem do rio com o marido. Também haviam trocado um beijo, e então... Annie respirou fundo e gemeu.

- O que foi? O que aconteceu? - ele indagou aflito. Com enorme dificuldade, conseguiu encara-lo. A imagem mental daquele mesmo rosto havia desaparecido, mas a lembrança que a acompanhara permanecera.

- Eu... nós estávamos passeando por aqui - contou. - Você me beijou e... - Parou e olhou para trás, na direção da casa.

- E eu disse que queria leva-la para casa, onde poderíamos fazer amor. Você olhou para mim e...

- Não quero ouvir mais nada! - As imagens invocadas por Dominic alimentavam a assustadora vulnerabilidade. Só o orgulho sustentava a determinação de recuperar a memória. Cada dia em companhia de Dominic aumentava a consciência do perigo. Não sabia por que o deixara, mas certamente compreendia porque se apaixonara por ele.

Gostavam do mesmo tipo de comida, liam os mesmos jornais, apreciavam os mesmos passeios, os mesmos programas de tevê... Os pontos em comum eram muitos.

- Venha, vou leva-la para casa - Dominic anunciou. Ao ver o pânico em seu rosto, sorriu com um misto de tristeza e ironia. - Não se preocupe. Não vou reviver o passado e leva-la para a cama. Por maior que seja a vontade... Não. Você está exausta. Está ultrapassando seus limites, -e isso não é nada bom.

- Não quer que eu recupere a memória?

- Nós dois precisamos da verdade. Mas, acima de tudo, tem de dar mais atenção a sua saúde. Venha, vamos para casa.

Para casa!

A emoção que sentira ao conhecer aquele lugar havia sido enorme.

- É tão grande! - exclamara admirada.

- É só um imóvel - ele respondera. - Tijolos, cimento... Só sua presença poderá transformá-la em um lar.

Uma casa. A primeira que tivera. E Dominic não havia poupado esforços para que ela também se sentisse dona daquele lugar. Passaram horas estudando os catálogos de diversas lojas da cidade, tentando decidir que estilo de decoração combinaria melhor com o quarto do casal.

- A seda chinesa era minha preferida, mas tive medo de dizer porque era muito cara - comentou em voz baixa. Os dois trocaram um olhar silencioso. Depois, com naturalidade espantosa, Dominic perguntou:

- Está falando das cortinas do quarto? Sim, teria sido perfeito. Melhor ainda se houvesse concordado quando sugeri aquela cama colonial com cortinas de cetim. Annie fechou os olhos contra o desespero:

- O que está errado comigo? Por que posso lembrar um detalhe tolo, como a cortina que deixei de escolher, e não me recordo do mais importante?

- Talvez seja menos doloroso lembrar a cortina de seda. Dominic estava certo. A separação devia ter sido traumática.

- Por que acha que o deixei? - ela perguntou.

- Não sei - ele reconheceu com um sorriso triste. - Fiz essa pergunta a mim mesmo centenas de vezes, mas nunca encontrei uma explicação lógica. Você estava aborrecida porque eu ia viajar. Havíamos discutido. Na verdade, vivíamos um período conturbado, marcado por uma série de pequenas discussões provocadas pela tensão da separação iminente.

- Mas eu sempre soube que você teria de partir.

- Sim, eu fui absolutamente honesto, mas isso não me impedia de sentir culpa por ter de deixá-la.

- Você não tinha escolha.

- Sempre temos escolha. Podia ter rompido o contrato. Podia ter dado mais importância ao nosso relacionamento. Você era jovem demais para lidar com a pressão de uma situação tão delicada e... Bem, depois da infância que teve, sem dúvida precisava da segurança de sentir-se amada, querida. Acho que não soube lidar com esse aspecto da nossa relação. Talvez...

- Talvez isso tenha me levado a fugir como uma criança mimada? Uma menina tola que fazia travessuras para conseguir a atenção que queria? Era esse meu estilo, Dominic?

- Não. De jeito nenhum.

- Mas é isso que pensa sobre nossa separação, não? Acredita que o abandonei para puni-lo porque pretendia viajar sem mim. Que atitude infantil!

- E uma possibilidade - ele reconheceu. - Você era muito jovem, e naquela idade pode ter confundido paixão e amor.

A explicação era razoável, mas não conseguia aceitá-la. Era como se a hipótese não encontrasse eco em sua personalidade, como se não combinasse com o que sabia sobre si mesma.

- Chega de perguntas, Annie. Precisa de um banho quente e de algumas horas de sono. Levarei seu jantar numa bandeja e...

- E lerá uma história para mim? - ela cortou com tom ríspido. - Não sou mais uma criança.

- Tem razão, não é. Além do mais, histórias infantis devem ter sempre finais felizes.

Annie entendeu a mensagem. Não haveria um final feliz para a história que viviam. A menos que... A menos que Dominic dissesse que não se importava mais com o passado, que a amava e não a deixaria partir nunca mais.

Era isso que queria ouvir? O que realmente queria era ele. Dominic, seu amante, seu marido, seu destino.

- Hoje irei ao escritório e talvez tenha de trabalhar até tarde.

Annie desviou o rosto da xícara de café, tentando conter a onda de náusea provocada pelo aroma da bebida. Era a terceira manhã seguida que experimentava o mesmo mal estar. Apesar disso, estava bem. As queimaduras no braço cicatrizaram, e o médico atestara sua recuperação.

- Está bem - respondeu com esforço.

- Há algo que quero que me prometa, Annie.

- Já sei. Se lembrar alguma coisa, devo contar imediatamente e...

- Não. Não era isso que eu ia pedir. Quero que prometa que não vai desaparecer novamente. Dominic temia que ela aproveitasse sua ausência para fugir. Apesar de toda a força dos ombros largos e da autoridade emanada por sua postura dominadora, temia ser enganado mais uma vez.

- E se eu não prometer? - Então não irei.

Ela piscou surpresa. Por que ele considerava sua presença tão importante? Talvez... Não. Estava deixando a imaginação ir longe demais. Dominic só queria convencê-la a ficar porque ainda não sabia o que a levava a deixá-lo no passado.

- Eu... prometo - disse. Olhou para o calendário na parede e contou os riscos que ia fazendo sobre os dias. Estava ali há mais de um mês. Mais de um mês? O estômago parecia imitar os movimentos de uma máquina de lavar roupas. Isso significava...

Com esforço, conseguiu conter a ansiedade até despedir-se de Dominic. Sozinha, correu ao calendário e contou os dias em sentido contrário. O pânico e a náusea disputavam a supremacia das sensações, enquanto a verdade a atingia com a força de uma chicotada. Trêmula, pegou o telefone e começou a discar o número de Helena, mas desistiu antes de completar a ligação.

- Não! Não podia compartilhar seus temores com ninguém. Ainda não. Não enquanto não tivesse certeza. Podia caminhar até a cidade. Não era muito longe e havia uma farmácia ao pé da encosta. Lá encontraria tudo de que precisava. Como o carro de Helena havia quebrado, Annie fizera questão de emprestar o seu automóvel, e por isso estava a pé.

Três horas mais tarde, no banheiro, ela olhava para o resultado do teste de gravidez. O segundo... E ambos apontavam na mesma direção. Grávida! Dominic ficaria... Dominic!

De repente o banheiro começou a rodar. Num movimento instintivo, estendeu a mão para a porta a fim de sustentar o próprio peso. Imagens confusas se formavam em sua cabeça. Sons, cenários... lembranças.

Com esforço, conseguiu caminhar até o quarto de Dominic e cair sobre a cama. A cortina que a separara do passado, que a protegera dele, abria-se subitamente, e de repente conhecia a resposta para a dúvida do marido. Oh, sim, agora sabia!

Estava esperando um filho de Dominic. Como havia imaginado e temido no passado. Naquela época tudo não passara de um alarme falso. Mas agora...

Atormentada, fechou os olhos e ouviu a própria voz ecoando na memória.

- Não quer ter filhos? - Não.

A resposta fora curta e ríspida.

Ficara chocada, assustada. Durante dias vivera preocupada com a possibilidade de ter esquecido de tomar a pílula em algum período do mês. Não planejavam iniciar uma família tão cedo, e sentira falta do apoio e do amor de Dominic naquele momento de angústia e apreensão. Mas a reação dele ameaçava destruí-la... e arruinara sua confiança nele.

- Por que não? - Havia persistido.

- A paternidade não se limita a ter um bebê, Annie. A decisão de ter filhos envolve... Envolve uma grande responsabilidade. Quando criamos um ser humano não estamos dando a ele apenas a vida. Estamos também impondo a essa criatura nossa história pessoal, nossas escolhas e decisões. E no momento, sinto que não quero sobrecarregar uma criança com todas essas opções.

Uma história pessoal. Entendera o que ele havia tentado dizer. Dominic se referira ao fato de não saberem nada sobre sua herança genética, sobre o que poderia transmitir através de seu sangue. Um sangue ruim. Essa havia sido a maior preocupação de Dominic: Ele tivera medo de contaminar seu filho com um sangue que poderia ser ruim.

Annie teve a sensação de que parte dela morria. Acreditara nas juras de amor de Dominic. Ele havia dito que não se importava com sua origem, com o passado de abandono, mas mentira.

E o pior ainda viria. Pensara em confessar seu temor, apesar de tudo que acabara de -ouvir. Convencera-se de que a honestidade seria o melhor caminho, mas a reação de Dominic à sugestão de uma possível gravidez a deixara atordoada.

- Aborto! - repetira pálida.

Não conseguia entender tudo que havia acontecido. Mas o panorama geral era óbvio. Em menos de vinte e quatro horas, com um punhado de palavras, Dominic destruíra seu amor, sua vida, seu futuro, sua confiança... e havia sugerido que destruíssem também o bebê que ela imaginava estar esperando.

Naquele momento decidira que não queria mais a união. Não suportava respirar o mesmo ar que Dominic.

Odiava a idéia da proximidade física. Ele mentira ao jurar seu amor. Não queria seu filho... Ou melhor, não queria que ela fosse a mãe desse filho.

Passara a ser um estranho para ela. Um estranho que ameaçava a vida de seu filho... um filho que protegeria com a própria vida.

Jamais abandonaria um filho como sua mãe havia feito. Pobre bebê! Por que teria de sofrer as conseqüências do gesto de alguém que nem conhecera? Não poderia mais viver com Dominic. Não suportaria a tensão, o medo e a decepção.

Naquela noite, Annie não conseguira dormir. Dominic havia tomado um remédio muito forte para dor de cabeça. A lógica indicava que o mais sensato seria esperar que ele deixasse o país para só então desaparecer de sua vida. Mas ainda teria de esperar duas semanas até a data marcada para a viagem, e temia trair a si mesma nesse período de convivência forçada.

Levada pelo desespero, deixara o leito conjugal e a casa levando apenas o mínimo necessário.

Capítulo 9

Mais de duas semanas haviam se passado desde que deixara Dominic. Em pouco tempo ele deixaria o país, e então... Então nunca mais o veria.

Não sabia por que havia voltado ali, ao lugar onde nascera. Hospedara-se na pensão mais barata que pudera encontrar, porque agora era a única responsável pela própria sobrevivência e precisava economizar. Estivera na biblioteca e lera novamente o artigo de jornal publicado quando fora abandonada. A senhora que a encontrara morrera muitos anos antes, e não havia mais nenhum elo que pudesse ajudá-la a encontrar suas raízes. Como também não havia nenhuma possibilidade de futuro como esposa de Dominic.

Ah, Dominic!

Sentia tanta falta dele! Apesar do sofrimento e da dor causados pela decepção, ainda o amava.

Passava da meia-noite. O que ele estaria fazendo? Pensaria nela? Seria possível que ainda a amasse como mulher, embora a rejeitasse como mãe de seu filho?

Annie ainda permanecia acordada quando o novo dia tingiu o céu de vermelho.

Mais algumas horas e Dominic estaria partindo. Pensar em nunca mais vê-lo despertava nela o desejo de morrer. Mas precisava viver. Tinha de pensar no bebê...

Precisava vê-lo... nem que fosse só mais uma vez... Só vê-lo, mais nada... Não diria nada a ele, porque não podia. Ficaria escondida e o veria partindo... saindo de sua vida... da vida de seu filho... a criança para quem ele não a considerava uma boa mãe.

Estava na estação, esperando pelo trem que a levaria ao aeroporto, quando descobriu que a viagem havia sido em vão. Não haveria nenhum bebê.

Quando terminou de atender à emergência representada pela menstruação inesperada e secou as lágrimas derramadas pela vida que não chegaria a existir, o trem já havia partido. Atordoada, decidiu embarcar na composição seguinte. Não havia nenhum bebê, nenhum motivo para mantê-la afastada de Dominic, mas o mal estava feito. Sabia que ele não a julgava digna de ser mãe de seu filho. Se pudesse alcançá-lo antes que ele partisse, diria que o casamento acabara, que estava livre para encontrar uma mulher boa o bastante para fazer parte de sua vida.

A viagem demorou mais do que esperava. Perdera o expresso, e o trem em que embarcara era mais lento, com paradas marcadas em todas as estações do percurso. Quando pisou na plataforma, Annie soube que Dominic já estava a caminho de Heathrow, de onde decolaria seu voo.

Sem saber o que fazer, atravessou a estrada na faixa de pedestres... e só teve tempo para ouvir a buzina do carro em alta velocidade.

Trêmula, Annie secou as lágrimas com o dorso da mão. Era inútil chorar pela garota que um dia fora. Chorar não a ajudaria em nada.

Olhou para o relógio e surpreendeu-se ao descobrir que passara horas no quarto de Dominic. Olhou em volta e soube como havia sido dormir nos braços dele, ser amada e corresponder a esse amor. Agora entendia por que fora incapaz de destruir os sentimentos que a torturavam. Jamais deixara de amá-lo. Nem por um segundo.

Ele a acusara de tê-lo abandonado, mas a realidade era que ele a deixara.

Teria de contar a ele tudo que descobrira. Dominic tinha o direito de saber... Sobre o passado, sim, mas não sobre o presente e o bebê que sabia estar esperando. Esse era um aspecto de sua vida que não interessava a ele. Não era mais uma criança imatura. Era uma mulher adulta e madura, e não precisava da ajuda de um homem para assumir a responsabilidade de guiar uma nova vida.

Fechou os olhos e decidiu que não ia mais chorar. De que adiantaria?

A lógica sugeria que devia esperar pelo retorno de Dominic para relatar as novidades, mas a ansiedade e o instinto apontavam em outra direção. Se passassem muito tempo sozinhos, ele acabaria pressentindo seu segredo e, como sempre, encontraria o caminho para desvendá-lo.

Pegaria um táxi, iria ao escritório de Dominic levando sua mala, e de lá seguiria direto para sua casa.

Dominic olhava pela janela do escritório. Devia ter ficado em casa. Afinal, era lá que estavam seus pensamentos... em casa, com Annie. Annie... Sua mulher. A mulher que o abandonara. Seu amor...

Era inútil continuar fugindo da verdade. Ainda a amava, talvez mais do que a amara no passado, se fosse possível. Madura, ela era ainda mais atraente e fascinante. Precisava vê-la, falar com ela... revelar o que sentia e, depois disso, se Annie ainda quisesse sua liberdade...

Determinado, deixou o escritório a caminho da saída do edifício.

Annie deixou o motorista do táxi esperando por ela no estacionamento. Nervosa, saiu do terreno delimitado por muros e começou a atravessar a rua. Eram quase cinco horas da tarde e os funcionários já começavam a sair do edifício. De repente ela parou ao ver Dominic entre eles.

- Annie! - O que ela fazia ali? Começou a caminhar em sua direção, estranhando a palidez e a rigidez nos músculos tensos. - Annie? - Um tremor a sacudiu. Era como ver uma estátua adquirindo vida. - Annie...

Pelo canto do olho, viu o carro se aproximando. Ela continuava parada, sem se dar conta do perigo. Com a velocidade de um ser super-humano, conseguiu alcançá-la e empurrá-la para a calçada, usando o próprio corpo para amortizar a queda enquanto rolava para longe da pista e do automóvel.

Ao cair, sentiu o impacto metálico contra o corpo e deixou escapar uma exclamação de surpresa e dor. O corpo parecia entorpecido... pesado... Podia ouvir gritos distantes... vozes... uma sirene.

- Ah, finalmente voltou ao mundo dos vivos. Vou avisar o dr. Spears.

Tonto, Dominic olhou para o rosto da enfermeira ao lado da cama. Ela acionava uma campainha presa à parede. Onde estava? O que havia acontecido? De repente lembrou-se de tudo e tentou sentar-se, ignorando o aviso da enfermeira e a dor aguda nas costelas.

- Annie... Minha esposa... Ela...

- Ela está bem - a enfermeira respondeu sorrindo. - E o bebê também.

- Bebê?

- Acalme-se, por favor. Está alterando seu ritmo cardíaco, e isso não é bom. Sua esposa teve sorte por ter um marido rápido e ágil. Caso contrário, a história teria um final muito diferente para ela e o bebê.

Annie estava grávida!

Dominic fechou os olhos, sentindo que o corpo todo era banhado por uma enxurrada de suor gelado. Deus, o que poderia ter perdido!

- Onde está ela...?

- O dr. Spears mandou-a para casa. Ela não queria ir. Esteve sentada ao lado de sua cama por quase vinte e quatro horas, mas o médico a fez compreender que ela precisa descansar, ou pode prejudicar o bebê.

Vinte e quatro horas. Annie passara todo esse tempo a seu lado!

- Há quanto tempo estou aqui?

- Dois dias. O impacto do carro o fez perder a consciência, e depois o dr. Spears teve de aplicar sedativos para examiná-lo melhor. Ele chegou a pensar em uma lesão permanente na coluna, mas felizmente para você, tudo não passou de um susto.

- Quero ir para casa.

- O quê? Acha que vou deixá-lo sair levando nosso precioso equipamento? - ela riu.

Só então Dominic percebeu os fios presos em diversas partes de seu corpo.

- Se estou bem, por que tudo isto?

- Temos de monitorá-lo. Para isso servem os hospitais. Embora não sinta, seu corpo ainda sente os efeitos do choque. Não sofreu nenhuma fratura, mas tem uma coleção de hematomas e vai encontrar dificuldades para locomover-se por um bom tempo.

- Por quanto tempo?

- Bem... Ah, aqui está o dr. Spears! - A jovem sorriu para o homem que entrava no quarto.

- Só quero saber quando posso ir para casa - Dominic disse ao médico assim que a enfermeira saiu. - Preciso ver minha esposa. Ela está grávida.

- Sim, eu sei. Pobrezinha! A princípio não soube com quem devia se preocupar primeiro. Mas depois, quando teve certeza de que o bebê estava bem, ela concentrou toda a apreensão em você. Consegui convencê-la a ir para casa e descansar, mas não foi nada fácil.

- Ela não devia estar sozinha.. Sofreu um grave acidente há cinco anos e...

- Também já conheço toda essa história. Estava de plantão quando ela foi trazida pela ambulância. Mas não precisa se preocupar, meu caro. O instinto maternal é o mais forte que existe, e ele confere às mulheres uma força especial.

- Quero ir para casa.

- Lamento, mas vai ter de esperar. Primeiro temos de acompanhar seu estado geral e a evolução dos hematomas. Quando começarem a clarear, então teremos certeza de que está se recuperando. Ah, aí está a enfermeira com sua injeção de analgésicos. Precisa descansar, meu amigo.

- Não! Não quero... - Dominic começou.

Mas era tarde demais. A enfermeira já estava inserindo a seringa na pele de seu braço, e minutos depois ele mergulhou novamente na inconsciência.

Capítulo 10

- Dominic poderá vir para casa hoje.

- Sim, eu sei - Annie respondeu, deixando sobre a mesa a xícara com o café que Helena havia preparado. - Recebi um telefonema do hospital. Irei buscá-lo mais tarde e...

- Quando vai contar a ele sobre o bebê?

- Não vou contar. - Tomara a decisão e estava irredutível. - Já lhe falei sobre tudo que houve no passado. Consegui me lembrar do motivo de nossa separação. Nada mudou.

- Tem razão, nada mudou. Você ainda o ama. - Sim, eu amo Dominic. Mas o bebê é mais importante que tudo.

- O hospital só decidiu liberá-lo porque o médico pensa que você estará perto para cuidar dele. Dominic ainda, não se recuperou por completo, Annie.

- Mas eu vou estar aqui. Devo isso a ele. Depois de tudo que fez por mim...

- Não precisa justificar sua decisão - Helena cortou com tom seco. - Mas, como sua amiga, sinto-me no dever de sugerir que pense mais um pouco. O filho que carrega em seu ventre também é dele.

- Não. É meu. Ele não quer o bebê. Lembro-me de como era no passado.

- Está falando de algo que aconteceu há cinco anos.

- Cinco anos, cinquenta... As manchas de um leopardo não mudam com o passar do tempo.

- Não, mas um homem é diferente e pode mudar de idéia.

- Um homem, sim... mas eu não vou mudar de idéia.

Uma semana se passara desde o acidente. Dominic ainda sentia dores e tinha a perna direita imobilizada onde o carro havia causado um ferimento mais profundo. O curativo tinha de ser trocado diariamente.

- Acha que vai conseguir?

Antes que Annie pudesse responder, Dominic adiantou-se. - Ela não terá de se preocupar com isso. Eu mesmo farei os curativos.

- Sim, sou capaz de cuidar do ferimento - ela anunciou em voz baixa, ignorando a interrupção.

Mesmo com a gravidez confirmada, tinha de adiar os planos e as decisões referentes ao seu futuro e ao do bebê, pelo menos até que Dominic estivesse novamente bem. Devia isso a ele.

- Apóie-se em mim - orientou-o, notando que ele mancava na direção da porta do quarto. - O carro não está muito longe da saída do prédio, mas se preferir usar uma cadeira de rodas...

- O que quero é ser tratado como um adulto que sou, não como uma criança. Posso caminhar sozinho, Annie. Lembrando tudo que sentira depois do acidente, ela engoliu a resposta ríspida.

Enquanto tentava esconder a dor causada pelo esforço, Dominic imaginava quando ela falaria sobre a gravidez. Apesar de ter ido visitá-lo diariamente naquela semana, Annie ainda não mencionara o assunto, e de repente tomava consciência de uma irritante inversão de papéis. Era ele quem devia estar cuidando dela, oferecendo carinho e proteção.

- O dr. Spears sugeriu que você dormisse na parte de baixo da casa durante os primeiros dias
- Annie anunciou quando entraram no carro. Usava o automóvel de Dominic, maior e mais confortável.

- De jeito nenhum! Pelo amor de Deus, não sou um inválido! Não preciso de tratamento especial. Na verdade... - O quê? - ela interrompeu impaciente. - Na verdade prefere que eu vá embora? O hospital não teria permitido que voltasse para casa se soubessem que ficaria sozinho. Dominic olhou pela janela do carro. Chegara a alimentar esperanças de uma reconciliação ao saber que ela passara horas seguidas ao lado de sua cama. Mas depois, quando havia recuperado a consciência, notara um distanciamento que só crescia com o passar do tempo. Em vez de abrir espaço para que ele manifestasse sua alegria com a chegada de um filho e com a possibilidade de reconstruírem o casamento, Annie erguera uma parede que ele não conseguia transpor.

Em casa, ela desceu do automóvel para ir abrir a porta de casa. Quando se virou para ir buscá-lo, notou que ele também havia saltado e que estava pálido, certamente em função da dor provocada pelo esforço.

- Dominic! - gritou, correndo ao seu encontro. - Por que fez isso? Devia ter me esperado!

- Esperar por você? Para quê? De que adiantou esperar tanto?

Se não o conhecesse, pensaria que a dor estampada em seus olhos ia além do aspecto físico. Mas de que serviria atormentar-se? Dominic já havia dito que deixara de ama-la.

Se pudesse dar-se ao luxo de pensar apenas em si mesma, provavelmente cederia ao desejo que ainda existia entre eles, mas a certeza da existência de outra vida dentro dela, de um ser frágil e 'vulnerável que dependeria dela para tudo conferia uma força muito maior do que jamais sonhara possuir. Por mais que o corpo clamasse pelo dele, não aceitaria a satisfação superficial do contato meramente sexual.

Entraram em silêncio. Quando se aproximaram da escada, Dominic removeu o braço de sobre seus ombros e deu um passo hesitante.

- Posso subir sozinho. Se continuar apoiando meu peso em você, vai acabar machucada e dolorida. Dolorida? E só agora ele se preocupava com sua dor? Depois de tudo que fizera? Não sabia se ria ou chorava. De qualquer maneira, ele tinha razão. Podia cair, e então... Impotente, ficou observando enquanto ele subia a escada com dificuldade. Ao vê-lo superar o último degrau, subiu para ajudá-lo a chegar ao quarto, ignorando a raiva que estava estampada em seu rosto.

- Obrigado. Mas posso despir-me sozinho. A menos, é claro, que queira apreciar o espetáculo.

Humilhada, Annie saiu apressada. Mais do que ninguém, sabia que o sofrimento e a incapacidade podiam tornar amargo até o mais doce temperamento, mas pensar nele nu... Não! Esse era um pensamento que não podia mais ter.

Era tarde quando o som no quarto de Dominic perturbou seu sono. Assustada, levantou-se e vestiu o robe enquanto corria para apertar a porta. O gemido angustiado que ouviu ao entrar no aposento vizinho oprimiu seu coração.

Dominic estava deitado no meio da cama, os lençóis emaranhados expondo metade do corpo nu, os ferimentos evidentes na pele bronzeada.

Desviando os olhos da evidência de sua masculinidade, Annie debruçou-se sobre seu corpo com a intenção de cobri-lo, mas teve o braço agarrado pelos dedos firmes. - Estava sonhando com você...

Os dedos acariciavam a parte interna do pulso, causando perigosas reações.

- Dominic, pare com isso! Você não está bem. Não devia... - O quê? Fazer amor com minha esposa? No hospital me disseram que eu podia fazer tudo de que me sentisse capaz, e neste momento sinto-me mais do que pronto para fazer amor com você, minha Annie...

Minha Annie! Não era mais dele.

Devia recuar, fugir... mas não conseguia. Permanecia ali parada, ao alcance das mãos e dos lábios que representavam uma tentação irresistível.

- Lembro-me da primeira vez em que fizemos amor nesta cama - ele murmurou entre um beijo e outro. - Foi tão maravilhoso... É uma pena que não possa lembrar... - Abriu seu robe e começou a acariciar a pele nua, detendo-se por alguns segundos sobre seu ventre. Teria sido um gesto deliberado? - Eu a queria com loucura... E ainda a quero.

Deviam ser os medicamentos. Sim, era isso. Dominic estava sob efeito de drogas pesadas, tranqüilizantes e analgésicos, e não tinha consciência do que fazia ou dizia. E mesmo assim era capaz de excitá-la.

Eram seus sonhos... seus anseios... as lembranças adquirindo vida própria. Devia detê-lo enquanto ainda podia. Mas, em vez de empurrá-lo, descobriu que o abraçava como se a própria vida dependesse daquele contato.

- Tudo bem com você? - ele perguntou num sussurro sensual ao penetrá-la.

- Eu quero que... - Pare! Era isso que pretendia dizer, mas a paixão superava a razão e calava sua voz. - Quero que faça amor comigo, que me abrace...

Por alguns momentos, até o bebê foi esquecido em meio ao fogo que a consumia. Acomodando o corpo musculoso sobre o seu, ergueu os quadris demonstrando que não podia mais esperar pelo momento da completa união, e juntos explodiram num clímax violento e envolvente como nunca haviam experimentado antes.

- Dominic, sua perna... os ferimentos... - ela gaguejou pouco depois, quando percebeu o que havia acontecido. - Que perna... que ferimentos? - Dominic brincou.

Cometera um erro imperdoável. Lágrimas ameaçavam transbordar de seus olhos, mas quando tentou levantar-se, ele a prendeu entre os braços.

- Não! Quero você aqui comigo, Annie. Preciso tê-la a meu lado. Por favor, fique!

Na escuridão, ela lutou contra as próprias emoções. Eram os medicamentos. Dominic não a queria de verdade. Quieta, esperou até ter certeza de que ele dormia, e então levantou-se e vestiu o robe.

Quando voltou ao quarto, sua cama parecia fria, solitária e vazia. E cada vez que fechava os olhos, tudo que via era o rosto de Dominic iluminado por um sorriso satisfeito.

Dominic franziu a testa ao ver Annie pela janela do escritório. Ela estava no jardim, onde fora colher algumas folhas de hortelã para o cordeiro que preparava. Estava em casa há alguns dias, e Annie ainda não mencionara a gravidez. Desde a primeira noite, quando fizeram amor, a atmosfera havia se tornado fria e distante. E não podia culpá-la pela mudança. Annie tinha bons motivos para estar zangada. Tirara proveito de sua generosidade para satisfazer as necessidades do próprio corpo, sem levar em consideração o que ela podia estar sentindo. Ao vê-la caminhar devagar, relutante, de volta para a casa e

para ele, Dominic tomou uma decisão. Se ela não tinha coragem para falar sobre o bebê, ele teria de tomar a iniciativa.

- Não está comendo o carneiro - Annie protestou ao vê-lo cruzar os talheres sobre o prato cheio.

- Estou sem apetite. Annie, há algo que....

- Carneiro sempre foi seu prato favorito - ela interrompeu apreensiva. Depois parou, pálida, tomando consciência do erro que acabara de cometer. Podia ver a raiva nos olhos de Dominic.

- Então você lembrou? - Sim...

- Quando?

O tom baixo não a enganava. Sabia que ele estava prestes a explodir.

- Foi... antes do acidente. Eu ia lhe contar, mas... - Mas preferiu guardar seu precioso segredo. Por que me deixou, Annie? Porque teve uma crise temperamental, como uma menina mimada e egoísta, ou porque percebeu que não me amava?

- Não!

- Não? E só isso que tem a dizer? Fale de uma vez, Annie! Quero saber tudo!

A raiva explosiva a amedrontava, mas não o deixaria perceber que podia intimidá-la. Afinal, também tinha razões para estar ressentida e magoada.

- Quer saber tudo? Muito bem, prepare-se para ouvir uma bela história! - Pretendia oferecer um relato frio sobre a discussão que a levava a deixá-lo, mas, surpresa, ouviu a própria voz alterada e soube que se deixara dominar pelas emoções. - Vou embora, Dominic! Não posso mais ficar aqui. Não lhe devo explicações. Não há razão... nem necessidade para prolongarmos nossa união.

- O quê? - Ele ergueu o corpo e bateu as mãos abertas sobre a mesa. - Não há razão...? Pois saiba que temos um ótimo motivo para permanecermos juntos. O bebê. Nosso filho!

Annie empalideceu. Ele sabia! Como?

- Fui informado no hospital -- Dominic explicou com tom seco.

- O bebê é meu - ela reagiu, forçando um sorriso gelado. - Caso ainda não tenha percebido, também me lembrei do que causou a discussão que precedeu minha partida, o que você disse sobre... sobre não querer ter um filho comigo... e sobre preferir que eu me submetesse a um aborto.

- O quê? - Foi a vez dele ficar pálido. Devagar, contornou a mesa e segurou-a pelos braços.

- Então estava grávida? Você...?

- Não, Dominic. Pensei que estivesse grávida e fiquei com medo. Você não queria que eu tivesse seu filho por causa do meu passado, do meu sangue ruim. Tentei explicar, mas não quis me ouvir e...

- Espere um minuto! Eu nunca disse nada sobre seu passado, sobre a qualidade de seu sangue ou... Afinal, o que você está dizendo?

- Você disse que não queria sobrecarregar uma criança com...

- Com um pai que não poderia estar sempre presente. Um pai que punha a carreira acima de tudo, como meus pais haviam feito. Sei como é crescer sem sentir confiança no amor dos pais. Era a essa sobrecarga que eu me referia. Como pode ter pensado que eu... Meu Deus, Annie! Eu a amava com loucura! Não estávamos prontos para a chegada de um filho, é verdade, mas eu nunca teria... - Parou e respirou fundo. Precisava controlar-se, ou não conseguiria fazê-la entender que jamais a julgara indigna ou inferior. - Escute, a identidade de seus pais não tem a menor importância. O que importa é que você é uma pessoa maravilhosa, especial, um indivíduo que carrega parte dos genes de cada um deles, mesmo

sem tê-los conhecido. Sei que teria sentido orgulho de ter essas pessoas como avós de meu filho, porque só criaturas maravilhosas poderiam ter criado alguém como você. Honesta, generosa, inteligente, corajosa... e acima de tudo, amorosa. Gostaria de poder dizer o mesmo sobre minha herança genética, mas meus pais eram pessoas egoístas e radicais que só conseguiam pensar em suas carreiras, no trabalho que assegurava a riqueza e o conforto que julgavam tão importantes. Cresci aos cuidados de meus avós, e eles também encaravam minha companhia como um fardo, uma responsabilidade da qual não podiam fugir. Era essa herança genética que eu não queria transmitir ao meu filho.

Annie não sabia o que doía mais: saber que perdera para sempre o amor de Dominic, ou ter consciência de que destruíra esse sentimento com sua falta de auto-estima, com o medo que sempre tivera de suas origens desconhecidas. Pior ainda era saber que seu filho herdaria a mesma dor, uma criança que teria de viver sem o amor e a segurança de um lar habitado por pai e mãe.

Amava Dominic. Sabia que ele a desejava. Mas desejo e amor eram sentimentos diferentes, e ele mesmo dissera que só a queria a seu lado para obter as respostas de que precisava antes de pedir o divórcio.

Naquela manhã ele havia descido a escada sem nenhuma ajuda. Era hora de partir, antes que perdesse o pouco que ainda lhe restava de orgulho e dignidade.

Fez as malas com rapidez e eficiência e depois foi procurá-lo. Ele estava na cozinha.

- Estou indo embora. Já temos as respostas que procurávamos. Podemos entrar com o pedido de divórcio e... - Divórcio? Você está esperando um filho meu, Annie. Não vai haver nenhum divórcio.

Annie empalideceu. Imaginara uma reação parecida, mas convencera-se de que era forte o bastante para resistir à tentação.

- Escute - ele continuou com tom mais gentil -, sei que temos obstáculos a superar. A confiança é uma semente que deve ser regada e nutrida para crescer forte, mas podemos reconstruir uma vida em comum.

Era impossível. Gostaria de poder acreditar nas palavras doces, mas sabia que ele não a amava.

- Está tentando provar que é um homem responsável e capaz de assumir seu dever de pai, mas...

- Não foi a responsabilidade que me fez desejá-la em minha cama naquela noite. E, desculpe-me se estou sendo grosseiro, não foi o dever que a fez ficar lá.

- O que aconteceu naquela noite foi...

- Foi um chamado da natureza. Nunca deixei de amá-la, e duvido que tenha deixado de amar-me. Apesar de ter esquecido esse amor, o sentimento nunca foi extinto. Pelo bebê, por nós... pelo nosso amor... O único dever que temos é o de tentarmos novamente.

- Não!

- Do que tem medo?

- De nada! Posso cuidar de mim mesma. Não preciso... - De mim? Talvez não. Mas nosso filho precisa de nós. Nós dois sabemos como é crescer sem amor, na solidão... sentindo-se diferente, indigno de atenção...

- Meu bebê será amado. Eu vou amar essa criança. Não pode me obrigar a ficar aqui, Dominic. Não pode me obrigar a continuar casada com você. - E correu para o corredor, onde havia deixado as malas.

Por um momento temeu que ele a seguisse.. Notando a porta do escritório entreaberta, entrou para recuperar o fôlego e viu a foto sobre a mesa, em um porta-retrato. A fotografia que haviam tirado no dia do casamento.

Como poderia correr o risco de acreditar no que acabara de ouvir? Como ter certeza de que Dominic realmente a amava? E se estivesse apenas tentando proteger o filho?

Chorando, tocou a foto tirada há cinco anos. Havia sido o dia mais feliz de sua vida. Dominic havia sido o amante perfeito, seu herói... seu único e verdadeiro amor... Mas agora, cinco anos depois, era uma pessoa diferente. Ambos haviam mudado, amadurecido. Mas o amor que sentia por ele, a essência do sentimento...

Não. Se cedesse aos apelos de Dominic, jamais poderia ter certeza de que a amava de verdade.

Decidida, devolveu a foto ao seu lugar de origem e saiu. Pegou as malas no corredor e, levando a chave do carro em uma das mãos, abriu a porta.

Ele estava parado ao lado do automóvel. Havia uma mala a seus pés.

- Mas o que...

- Se não quer ficar comigo, eu irei com você. Nunca mais permitirei que fuja de mim e do nosso amor.

- Por favor, não torne este momento mais difícil.

- Nada pode ser mais difícil do que viver sem você. Vou levá-la para o quarto agora, para acama onde fomos felizes... - Dominic, isto foi há cinco anos!

- Não. Nosso filho foi concebido naquela cama. Na noite em que você me contou sobre seus sonhos, sobre como jamais havia conseguido me esquecer, apesar de ter perdido todas as outras lembranças. Nós dois temos recordações amargas. Medos, inseguranças... Mas o que sentimos um pelo outro é mais forte que tudo. Entregue-se, Annie. E depois, se ainda puder afirmar que não existe esperanças para nós, eu a deixarei partir.

- Por favor, não faça isso! Não quero...

- O quê? Não quer mais meus beijos? - E tomou-a nos braços para um beijo apaixonado.

Era impossível continuar resistindo. - Vamos, diga que não me quer. - Eu... não posso...

- Porque me ama. E sabe que eu a amo. Você é minha mulher, Annie. Meu único amor. Por favor, não me deixe. Sem você, nada mais fará sentido.

Durante algum tempo; os sonhos haviam sido sua única fonte de alegria e satisfação. Agora tinha a realidade, e ela era muito melhor do que qualquer conto de fadas produzido por sua imaginação. Se mais tarde tivesse de enfrentar o arrependimento e a dor... Bem, pelo menos teria também as lembranças.

- Oh, Dominic, também amo você - murmurou. - Prefiro correr todos os riscos a abrir mão deste amor.

Epílogo

-O que significa o A? - Helena perguntou curiosa ao ver Annie redigindo os convites para o batizado da filha de seis meses. -Amnésia -Dominic explicou com um sorriso debochado. - Para não esquecermos nunca como ela foi concebida.

- Oh, não! - Helena protestou. - Não podem estar pensando... - Parou ao ver que Annie ria e balançava a cabeça para o marido.

Helena e Bob haviam ido visitá-los para discutirem os detalhes do batizado, e a médica ainda se espantava com a felicidade radiante do casal. Não sabia quando Dominic estivera mais feliz: no dia em que renovaram seus votos; um mês antes do nascimento de Charlotte, ou quando segurara a filha pela primeira vez.

- O A é de Alice - Annie explicou.

- Alice? Mas este é meu segundo nome! - Helena exclamou.

- Eu sei. E como madrinha, tem o direito de receber uma pequena homenagem. Depois de tudo que fez por nós, você merece todas as homenagens que pudermos prestar. - Charlotte Alice é um lindo nome!

- Charlotte Amnésia soa melhor - Dominic provocou. - E assim não poderíamos esquecer...

- Finja que não está ouvindo - Annie aconselhou a amiga. - Assim ele desistirá mais depressa. - E jogou uma almofada contra o marido.

- Ah, vai se arrepender por isso... mais tarde!

Estava escurecendo quando Helena e Bob partiram. Ao virar-se no assento para ajustar o cinto de segurança, ela viu uma luz se acendendo em um quarto no segundo andar da casa. Sabia que aquela era a luz do quarto de Annie e Dominic. Havia chegado o momento da vingança.

- Pelo amor de Deus, Dominic! - Annie censurou o marido ao ser jogada sobre a cama.

- Está usando roupas demais, sabe?

- Helena e Bob devem ter notado que acendemos a luz do quarto. Eles vão imaginar...

- O quê? Que não posso esperar para fazer amor com minha esposa? Além do mais, você mesma disse que queria vir para a cama cedo.

- Para dormir! Não, Dominic... Oh! - Era impossível não responder às carícias íntimas e provocantes. - Dominic... - Humm?

- Não importa. - E abriu os braços para recebê-lo. - Nada tem importância. Só você e... Humm...

- Humm... - ele concordou com um sorriso sexy. - Amnésia... Pobre Helena! Não devia brincar assim com ela. E Charlotte...

- Está dormindo. Vamos aproveitar antes que ela acorde, está bem? - E beijou-a para silenciá-la.

- Agora entendo porque nunca consegui esquecê-lo -. Annie suspirou contente.

- Por que sempre fui o amante de seus sonhos?

- Porque a realidade é muito melhor do que a mais ousada de minhas fantasias. Minha realidade é você, Dominic. E Charlotte Alice, nosso futuro e nossa felicidade. A realidade é ter certeza do nosso amor.
